

UNIVERSIDADE DE LISBOA  
FACULDADE DE BELAS-ARTES



## **A Carta como objeto pedagógico**

Maria Lancastre e Tavora

Dissertação

Mestrado em Educação Artística

Dissertação orientada pela Prof<sup>ª</sup>. Doutora Ana Sousa

2022

## DECLARAÇÃO DE AUTORIA

Eu, Maria Lancastre e Tavora, declaro que a presente dissertação / trabalho de projeto de mestrado intitulada “A Carta como objeto pedagógico”, é o resultado da minha investigação pessoal e independente. O conteúdo é original e todas as fontes consultadas estão devidamente mencionadas na bibliografia ou outras listagens de fontes documentais, tal como todas as citações diretas ou indiretas têm devida indicação ao longo do trabalho segundo as normas académicas.

O Candidato

Lisboa, 28 de fevereiro de 2022

## **RESUMO:**

Esta dissertação parte da leitura e interpretação de cartas, porque sempre me fascinaram. A carta é um objeto que liga as pessoas, liga o tempo, liga os tempos, liga a história e, além disso, de alguma maneira, forma o carácter das pessoas que as escrevem e leem. Quero aprender como mais do que uma carta pessoal sobre a vida, pode uma carta, cada carta ser um objeto que nos faz crescer em liberdade, crescer emocionalmente, aprender. O conhecimento é de uma riqueza infinita! Desde tempos imemoriais que se escrevem cartas ao pai, à avó, à tia, ao primo e ao amigo, que viviam mais longe ou perto, este hábito continuava bastante vulgar ainda nos anos de 1980, momento em que comecei a relação com a escrita e a leitura de cartas. Crescendo e escrevendo, as cartas eram completadas com a liberdade de desenhos, recortes, colagens, eram também pequenas obras de arte. Neste mestrado é comparado a capacidade pedagógica de cartas familiares com cartas de pensadores, escritores, pedagogos, professores e mestres que deixaram algumas das mais importantes cartas já publicadas. Escolhi três cartas da Nossa Junqueira, para análise e comparação, como amostra desta correspondência de família: uma primeira carta (1897) do pai João da Camara, para o seu filho mais velho, Vicente; uma segunda carta (1909) de outro filho, José Paulo para a sua mãe Eugénia; e uma terceira carta (1937) já no fim da correspondência compilada, deste filho José Paulo para a sua filha, Maria da Assumpção. Esta apresentação de cartas privadas ajuda a fomentar a convicção de que uma carta coloquial, formal ou narrativa é pedagógica e deve ser utilizada como tal no sistema de ensino.

## **Palavras-chave:**

carta; pedagogia; família; liberdade; carácter.

**ABSTRACT:**

This dissertation starts from the reading and interpretation of letters, because they have always fascinated me. The letter is an object that connects people, connects time, connects history and, moreover, somehow shapes the character of the people who write and read them. I want to learn how more than a personal letter about life, can a letter, each letter be an object that makes us grow in freedom, grow emotionally, learn. Knowledge is of infinite richness! Since time immemorial, letters have been written to one's father, grandmother, aunt, cousin and friend, who lived further or closer, this habit was still quite common even in the 1980s, when I started my relationship with writing and reading letters. Growing up and writing, the letters were completed with the freedom of drawings, cut-outs, collages, they were also small works of art. In this master's degree the pedagogical capacity of family letters is compared with letters from thinkers, writers, pedagogues, teachers and masters who left some of the most important letters ever published. I chose three letters from Nossa Junqueira, for analysis and comparison, as a sample of this family correspondence: a first letter (1897) from the father João da Camara, to his eldest son, Vicente; a second letter (1909) from another son, José Paulo to his mother Eugénia; and a third letter (1937) already at the end of the compiled correspondence, from this son José Paulo to his daughter, Maria da Assumpção. This presentation of private letters helps to foster the conviction that a colloquial, formal or narrative letter is pedagogical and should be used as such in the education system.

**Keywords:**

letter; pedagogy; family; freedom; character.

## **AGRADECIMENTOS**

Tenho que agradecer a imensa ajuda e contínua preocupação da Professora e orientadora Ana Sousa, o carinho de Jô Cortez, a atenção infinita de Paulo Canha, o cuidado e experiência de Teresa Coelho e a permanente paciência da minha família querida, Alice, Vicente, Bartolomeu e Pedro!

## ÍNDICE

RESUMO.....	3
AGRADECIMENTOS.....	5
ÍNDICE.....	6
ÍNDICE DE FIGURAS.....	7
INTRODUÇÃO.....	8
METODOLOGIA CARTOGRÁFICA QUALITATIVA.....	14
O QUE PODE UMA CARTA.....	20
O OBJETO EM SI.....	29
PORQUE É PEDAGÓGICO.....	42
O QUE AS LIGA (às cartas) .....	53
ESCREVER PARA PRESERVAR A MEMÓRIA.....	62
CONCLUSÃO.....	73
REFERÊNCIAS.....	76
ANEXOS.....	86

## ÍNDICE DE FIGURAS

FIGURA 1.....	8
FIGURA 2.....	21
FIGURA 3.....	30
FIGURA 4.....	39
FIGURA 5.....	43
FIGURA 6.....	57
FIGURA 7.....	67
FIGURA 8.....	89
FIGURA 9.....	94

## INTRODUÇÃO

No liceu, li *A Nossa Junqueira*, uma edição familiar, de cartas entre a minha trisavó Eugénia, que vivia com os filhos em casa, na Rua da Junqueira, e o meu trisavô, João que estava a trabalhar na construção do caminho-de-ferro, no Alentejo.



Figura 1. João da Camara em Castelo de Vide com companheiros de trabalho

Essa leitura criou em mim a consciência da graça e da importância que tem para cada indivíduo conhecer como viviam os seus antepassados. O que se passou no seu tempo e como foi, o que faziam, quem eram, que informação genética foi legada, e como podem, ao dia de hoje, influenciar a formação moral, emocional, e o caráter dos seus descendentes e de quem lê as suas cartas, como se pode verificar com este texto da introdução do livro já referido:

Ao escrever a vida da nossa família da Junqueira, faço-o apenas com o meu coração e com as minhas saudades e peço a todos que lerem estas linhas que não procurem nelas estilo literário mas sim a maior boa vontade da minha parte em dar a conhecer aos novos, à geração presente e futura dos Camaras e, para que as tomem como exemplo, as figuras admiráveis dos seus ascendentes. (Maria Emília da Camara, 1959, p. IX)

Estas cartas assemelham-se, como as de Van Gogh para o irmão, que são igualmente familiares, emocionantes e próximas, mas igualmente pedagógicas, com ensinamentos, como se fossem agora escritas, de um irmão que está no estrangeiro e conta histórias sobre a vida, sobre as novas técnicas de pintura que em cada dia conhece, as paisagens que vê e o que vai aprendendo com tudo, como se sente, se só, se acompanhado, se feliz ou triste. Um exercício espiritual, estas cartas e, sem dúvida, também a escrita de uma dissertação, como comentava sem parar Jorge do Ó, sobre ser preciso ter coragem, deixar de ter medo e seguir em frente, para escrever uma dissertação de mestrado que nos diferencie. Investigar, ler, procurar, conseguir um objeto próximo da superação, uma busca incessante por ideias que comuniquem com o que queremos provar, uma junção de conhecimento, uma discussão, porque não é possível aprender sozinho, ou é? Ranciére (1991) diz que sim, mas somos sempre influenciados, por alguém, por algo, há sempre referências úteis para o caminho, que nem sempre o explicam, mas que o abrem, mostram esse caminho que procuramos.

Neste mestrado de Educação Artística, durante as aulas, foram sendo ouvidas várias histórias sobre as cartas que têm sido utilizadas ao longo do tempo como objeto pedagógico e o entusiasmo deste conhecimento foi crescendo. As missivas de Séneca, Van Gogh (1890), Garrett (1829), Freinet (1920), Manzi (1950), Krishnamurti (1978), Freire (1984), Savater (1991), que nos seus tempos escreveram para ensinar, para ensinar a ensinar e para demonstrar a aptidão destes seus escritos, onde se aprende sem pretensões. Incríveis na sua diversidade, as cartas têm uma capacidade de adaptar, de fazer crescer, de ligar, de amar, são elos de emoções, onde Lucílio lê conselhos do seu mestre e das suas preocupações com o pupilo: “Oxalá estejas de boa saúde espiritual, isto é, oxalá os deuses te sejam todos propícios, pois não pode deixar de gozar do favor benevolente dos deuses quem consegue estar em paz consigo mesmo.” (Séneca, 2004, p.609).

A carta conduz as relações e ligações com sentimentos especiais, entre pai/filho, escritor/leitor, educador/educando, orientador/orientado, mestre/aprendiz. Há uma preocupação permanente pelo outro, como aqui se vê em Sêneca por Lucílio, esta preocupação que torna as pessoas mais próximas e esta proximidade revela amor, um sentimento tão importante na educação. Este amor é essencial em Rousseau (1762), que insiste que sem amor não há educação e, muito fundamentado em Pestalozzi (1781), que o preconiza na sua maneira de ser, no seu ensino, na sua pedagogia, no seu dia-a-dia. Testemunhamos este sentimento na sua biografia, escrita por Agostinho da Silva (2000), quando o descreve com “desejo de um reino de amor e de justiça” e “o seu único dogma será o amor ao próximo” (p.139). No fundo, a carta como um cuidado especial no elo, na aliança desta ligação, um indicador de amor, uma preocupação e uma necessidade de cuidar.

As perguntas fazem parte de qualquer carta, porque de alguma maneira se pensa que vão obter uma resposta, é um diálogo simultaneamente permanente e ausente. Perguntas estas que deixam a curiosidade pairar. É vital encontrar a resposta, o que leva a uma investigação. A pergunta preenche a ausência e a distância do outro. Ao ler a carta há uma resposta ao questionamento interior. Como se consegue, pelo menos de vez em quando, que se sintam curiosidade numa carta? A carta faz acontecer no outro o despertar para algo, despertar para o pensamento, deste modo potencia um conhecimento cognitivo e esse é sempre ilimitado. Ao compreender a carta com todo o cuidado, podemos transformá-la numa ferramenta pedagógica, que utilizamos para tentar transformar o ensino, tentar mudar a escola. Esta mudança pode ser real, se entendermos que tem que haver uma democratização da aprendizagem, que há realmente uma posição de igualdade. Compreendendo a civilização, podemos ter liberdade, humanizando os humanos podemos alterar a educação.

Retirando a autoridade ao mestre, acreditamos que deve, assim, haver igualdade de inteligências, como referia Rancière (1991), na auto educação de Jacotot, sem hierarquia de conhecimentos. Pois, para este escritor, há uma capacidade inata de aprender em todo o ser humano, que deve ser trabalhada, como um caminho a percorrer, passando por todas as etapas necessárias. Sabendo que este caminho é infinito e animado por tudo o que se vai descobrindo, num crescimento permanente e evolução pessoal, é possível pensar que esta autoeducação pode ser adquirida escrevendo cartas e, com este método,

formar seres humanos mais livres e com instrumentos para agir e atuar no seu cotidiano, com capacidades cognitivas autónomas e competências de cidadania.

As cartas podem potenciar uma emoção crescente quando investigadas com atenção e cuidado. Esta emoção pode aparecer num escritor, num leitor e num investigador de epístolas, pois é um tema importante e pode criar a capacidade de querer pesquisar mais, conhecer melhor, saber mais, como fala Ortega Y Gasset (1928), aquela necessidade de inventar uma ciência e, ao mesmo tempo, dinamizar o diálogo permanente entre saberes e sabedores, aumentando o gosto e a possibilidade de apropriação do saber, como Jorge Ramos do Ó tanto comenta nas suas aulas. Queremos aprender coisas que nos são queridas e especiais, com a ligação a outros autores que nos interessam e que fazem sentido, conseguimos reforçar e confirmar o que sabemos, mas também nos transformar. É importante reforçar as nossas opiniões intelectualmente, com fundamentos e investigação a fundo, assim como potenciar o pensamento criativo, para ser novo e evolutivo. O trabalho destina-se à transformação de si! Ficamos felizes porque aprendemos, não forçosamente porque vamos salvar o mundo, serve para evoluir intelectualmente, assim nos avisou Ramos do Ó do seu púlpito. Sendo assim talvez um pouco hedonista ou até mesmo narcisística, como corrigiu e bem o membro do Júri Leonardo Charréu, fazendo o professor abdicar assim de ser um agente de mudança... e preocupado apenas com o seu desenvolvimento intelectual.

Será que a carta como espaço não formal pode contribuir para a educação? Sim, por ser um espaço ou um momento não formal, a carta consegue ser transportada ou transportar o leitor para qualquer sítio do mundo, como se fazia antigamente. As cartas eram escritas e enviadas para os mais variados locais do globo, passíveis das mais diversas leituras, pelos leitores mais improváveis ou prováveis que as recebiam. Seria perfeito se se pudesse voltar a fazer o mesmo nos dias de hoje, tornando-o um método cada vez mais recorrente, como Almeida Garrett (1829) aconselhava, à distância, na sua introdução em *Da Educação*, como se devia educar, educar deve ter uma visão alargada do que é viver e crescer:

O fim geral da educação é fazer um membro útil e feliz da sociedade. O objecto da educação é formar o corpo, o coração, e o espírito do educando. (...) Sem as

separar nem dividir pois, já que inseparáveis e indivisíveis são, distinguiremos para clareza e facilidade, as três educações: - física ou do corpo, - moral ou do coração, - intelectual ou do espírito. (2009[1829], p.97)

Como instrumento pedagógico, a carta pode proporcionar uma livre experimentação e um livre questionamento, como Jorge Ramos do Ó comenta sobre a escola, na apresentação do livro *Sérgio Niza: Escritos sobre Educação* (2012), isto põe os educadores num lugar onde possam, talvez, levar os alunos à produção de cartas. Os educadores devem trabalhar sobre as criações dos alunos, para formar pessoas que escrevam e gostem de escrever, pessoas que produzam. Só produzindo é que se percebe e concebe o já produzido, escrevendo criativamente é possível entender com mais capacidade o que já foi escrito.

Há quem defenda que se deve escrever sem emoções, então devemos escrever mais comedidamente, com menos emoções à flor da pele. Mas a criação em si, é uma emoção! Como é que se é criativo sem emoção? Onde está a escrita criativa desprovida de inteligência emocional? A emoção faz parte do ser humano em todos os momentos da sua vida. Dever-se-á escrever sem emoção, apenas com fundamento num diálogo racional, lógico-matemático permanente com eruditos, estudiosos e investigadores? Um diálogo infinito, mas sem emoções! Será isso possível?

Um “renovado diálogo”, defende o Papa São João Paulo II na sua carta aos artistas, pois a arte pode ser uma “espécie de ponte”, afinal as emoções são essenciais, a carta pode ser vista como uma reação interior ao mundo exterior e vice-versa, pois sem emoção não há criação. A criação é uma resposta, na carta, no ato de escrever, pode acontecer esta resposta e esta criação, que explica com este cuidado:

Enquanto busca do belo, fruto duma imaginação que voa mais acima do dia-a-dia, a arte é, por sua natureza, uma espécie de apelo ao Mistério. Mesmo quando perscruta as profundezas mais obscuras da alma ou os aspectos mais desconcertantes do mal, o artista torna-se de qualquer modo voz da esperança universal de redenção. (Wojtyła, 1999)

O texto epistolar pode representar uma esperança, uma luz, uma abertura para a pedagogia da escrita e do seu usufruto funcionar para todos e com todos, na medida em que todos podem ser emissores e recetores. Pode favorecer uma pedagogia mais inclusiva, mais atenta às diferenças, mais verdadeira porque ancorada no “eu”, a partir de uma relação com o “outro”. Ao passar a mensagem para o outro lado a carta lança a ponte ou cria a passagem para ficarmos todos do mesmo lado, do lado da arte, que todos necessitamos para cumprir a nossa humanidade. Será que a ação de escrita/leitura de cada carta não atua em cada um como processo criativo? Não seremos assim todos potencialmente mais artistas porque criamos ou porque em nós algo se criou? Nesta perspectiva, com cartas pedagógicas, todos podemos ser artistas.

Uma carta resulta, assim, fundamental no panorama pedagógico; trabalhada de forma adequada pode desempenhar um papel fulcral na formação do carácter de cada um e nas ligações entre pais e filhos, casa e família, como entre professor e aluno ou comunidade escolar, ou entre cada ser humano que recebeu uma carta ou cartas de algum pedagogo ou de alguém que admira e ama. De um valor inestimável, estas são potencialmente formativas. É importante que se faça uma profunda vénia a estas cartas maravilhosas e uma homenagem a cada corajoso que escreveu cada uma delas. Porque as cartas beneficiaram emissor e destinatário; ao primeiro permitiram arrumar e explicitar ideias ou sentimentos no ato de escrever para comunicar, ao segundo trouxeram a intimidade da voz e do pensamento do “outro” que revelaram, abrindo portas para a vida. O objeto carta conseguiu quotidianamente, em cada linha escrita, conquistar um espaço no terreno educativo, podendo ser encarado como um ato pedagógico, cheio de talento, aptidão e competência.

Começamos com a apresentação do método utilizado, como a cartografia ajudou a organizar e simplificar todo o processo de pesquisa e de estruturação deste trabalho. Ao escrever um carta para a orientadora, foi possível fazer uma exposição completa sobre a razão de como a carta pode ser efetivamente um objeto de trabalho para a educação. Há uma tentativa de definição de cada palavra importante e como essas definições podem e influenciam cada linha de pensamento nestas páginas. A ligação e o elo que transformam numa aliança todo este caminho estipulado e pensado, a ligação entre autores, a ligação entre cartas e a ligação entre conhecimentos e ideias. Para finalizar

uma justificação da importância de preservar a memória e a história que fazem parte da evolução de todos os seres humanos e de cada novo ser que aí vem.

## **METODOLOGIA CARTOGRÁFICA QUALITATIVA**

É um caminho! Um caminho percorrido, depois de ler, reler, escrever, apagar, corrigir, desesperar e esperar. Mas também é como um rizoma, tal como Deleuze e Guattari: “Demos a ele [ao livro] uma forma circular, mas isto foi feito para rir. Cada manhã levantávamos e cada um de nós se perguntava que platôs ele ia pegar, escrevendo cinco linhas aqui, dez linhas alhures.” (2000, p. 32) Também houve algum riso, ou pelo menos um sorriso, também de manhã pensava que linhas iriam ser escritas. A evolução do conhecimento ajustou a ideia de método, tudo o que permite ir de uma pergunta para uma resposta. Portanto é uma pergunta! Como é comprovado com este excerto:

Que função para os artistas de hoje senão a de (também) fazer perguntas incômodas ao mundo, em particular as que saem da esfera daquilo que se pode (e se espera) apreender pelo que é cognoscível, logo dizível e verbalizável e, numa segunda análise, verificável, podendo (eventualmente) ser aceite ou refutado pela comunidade académica. (Charréu, 2019, p. 88)

A experiência e o conhecimento que se adquire depois de uma intensa investigação, entre cartas, diários, escritos, pensamentos, pensadores e escritores é imensa e complexa, pois o resultado final acaba por deixar uma exaustão e por vezes algum vazio, porque na verdade há mais para procurar e encontrar. É uma dimensão ainda por vir, esta busca pelo ideal: “Escrever nada tem a ver com significar, mas com agrimensar, cartografar, mesmo que sejam regiões ainda por vir.” (Deleuze, Guattari, 2000, p. 11). Saber que não há fim à vista, é cansativo e ao mesmo tempo deixa o ser humano perplexo. A investigação tem esta vantagem, não temos que memorizar nada, apenas coordenar e organizar o conhecimento: “Trata-se enfim, de um cultivo da atenção concentrada e aberta à experiência de problematização.” (Passos, Kastrup, Escóssia, 2009, p. 201). Uma capacidade de organizar, adaptar e estimular, sem destruir, como dizia a Professora Teresa Lousã, nas suas aulas. Ter uma consciência mais aberta, conhecer todas as técnicas possíveis de análise, saber as estratégias ideais para que a seleção das fontes seja o mais possível dentro do tema desejado. Como comenta Rancière, a busca do conhecimento acontece em cada um conforme a sua vontade e motivação, um momento de partilha de pensamentos em formato mais exigente. No

fundo uma ligação entre as várias artes, filosofia, psicologia, pedagogia, relacionar o desconhecido com o algo conhecido, todos nos emancipamos frente a uma pesquisa:

O segredo do mestre é saber reconhecer a distância entre a matéria ensinada e o sujeito a instruir, a distância, também, entre aprender e compreender. O explicador é aquele que impõe e abole a distância, que a desdobra e que a reabsorve no seio de sua palavra. (Rancière, 2002, pág. 18)

Esta metodologia é construída com esta distância, o que liga o buscador e o conhecimento, um elo, uma cola, uma união que está no meio, o rizoma de Deleuze e Guattari, uma conexão permanente do conjunto de várias experiências de vida, “cadeias semióticas de toda natureza são aí conectadas a modos de codificação muito diversos, cadeias biológicas, políticas, económicas, etc,” (2000, pág. 14). As vidas das cartas e de quem as escreveu, esta construção de método é possível pela capacidade e certeza de se estar perante um legado, uma cadeia, um património de cada ser que escreve, que se liga, e se une a cada ser que lê, de cada ser que depois as organizou e juntou para as analisar. Este método cartográfico consegue alinhar a história, para que se perceba como é importante e vital para o ensino, e para a pedagogia em geral, utilizar cartas para educar e ensinar, como confirmam estes professores contemporâneos:

O método cartográfico de pesquisa permite trabalhar de uma forma/modo em que o que interessa mais é o processo do que os resultados. Os movimentos de construção das atividades, das discussões, o que se pensou em fazer, o que foi feito. (Campello, Farina, 2015, p. 269)

A cartografia junta tudo isto, uma recolha de dados, são documentos encontrados na internet, escritos ou falados; cartas de pensadores e conhecidos; diários de familiares não publicados; ou diários de pessoas importantes para a história universal, mas publicados; fotografias de pessoas que fizeram parte de algum momento especial; aulas com professores interessados e interessantes; conversas entre eruditos e curiosos. A intenção é fazer uma coleta e juntar todo o tipo de informação possível, para que depois seja possível resgatar uma conclusão que ajude a perceber até onde todo o conhecimento pode chegar. Ter a habilidade de estruturar um procedimento moldável,

para fazer um julgamento mais preciso, sobre a habilidade das cartas no ensino, como material utilizável pedagogicamente, com esta explicação:

(...) a cartografia é um processo que implica, sobretudo na sua utilização por artistas e arte educadores, a elaboração de desenhos e imagens inventivas que acompanha e se faz ao mesmo tempo que os movimentos de transformação da paisagem, não só física, como (e sobretudo) humana e cultural. (Charréu, 2019, p. 93)

Relativamente aos momentos em que o método foi sendo utilizado, foram quatro, sem no entanto nalgum ponto poder haver um impasse ou uma desordem na ordem. Começou com a ideia do tema, com a descoberta da vitalidade destas cartas para a busca hoje de investigar tudo o que tivesse ligação, foi uma busca incessante porque o tema é infinito e há na atualidade um imenso manancial de cartas familiares, pedagógicas de todo o género e feitio. Depois do segundo momento de procura, o ponto de organização, preparação e sistematização deu azo ao quarto item do método, a altura da escrita, depois de perceber que como aconselha Umberto Eco (1998) devemos simplificar o tema, para que faça mais sentido. A escrita tem sempre uma alta intensidade de produção de elementos e temas, que por vezes ficam perdidos pelo caminho ou com notas de que talvez seja a mais ou sem uma ligação ao tema principal, como um afastamento de sentimentos. Sempre em todos os momentos, como já foi dito, aconteceu retrocessos, indecisões e novas buscas permanentes, uma metamorfose cheia de informações relevantes, criatividade e imaginação.

Mais uma vez se sente aqui o diálogo permanente entre todos os autores relacionados, porque se vê com clareza e verdade, a relevância das cartas pesquisadas nas vidas de cada um e como isso influenciou e mudou, em vários momentos, a maneira de pensar, educar, estudar, relacionar e viver. Ligar tudo, para que no fim se entenda como este objeto é positivamente essencial à pedagogia atual. Os autores utilizados para esta pesquisa de métodos foram os grandes escritores de cartas, desde Séneca a Freire, os pedagogos que as escreveram com intenção de educar um leque mais vasto de seres humanos, e também como os grandes pensadores que escreveram as suas cartas familiares, às suas famílias, para educar e ensinar a vida aos seus filhos, pupilos e educandos. Sim, existem autores que já pensaram e escreveram estes temas que estamos

a descobrir agora, mesmo como aprendiz se percebe que a intenção é pensar, é preciso pensar, mas rapidamente ao ler outros, se vê que já pensaram, mas isso deixa-nos felizes e aliviados, temos companhia, sabemos que temos ajuda para alimentar esta busca. Obrigada aos que pensam como nós, aos que estudaram, leram e escreveram para nos dar razão!

O método aqui utilizado teve como ponto de partida a possibilidade de criar uma disciplina, uma nova possibilidade de ensinar e como isso poderia e pode mudar o sistema cognitivo e a maneira de pensar em geral, relativamente ao ensino e à pedagogia. Apesar de um modo de escrita já meio em extinção, é possível incentivar e alegar com convicção as capacidades infinitas e as possibilidades imensas, como cabem em qualquer momento da escola e do crescimento do ser humano, como um novo ponto de referência. Aqui o rizoma é nítido, porque não hierarquiza de conhecimento, as cartas espalham-se, podem ser variadas, de vários momentos, de vários autores, de vários assuntos, não há umas mais importantes que outras, cada carta é um acontecimento, como afirma Deleuze, na sua definição de aula, e ainda em *Mil Platôs*, com Guattari confirma a ligação das cartas a rizomas: “O rizoma nele mesmo tem formas muito diversas, desde sua extensão superficial ramificada em todos os sentidos até suas concreções em bulbos e tubérculos.” (2000, p. 14) Como Leonardo Charréu dizia nas aulas e confirmava esta definição, é uma rede, um aparente caos, mas que permite criar significados e criar ligações para a compreensão do mundo, não só ao nível cognitivo, mas também a outros níveis. Fazer uma revolução sem tomar o poder, ser subversivo como Marx.

Enquanto o texto ia crescendo, foi possível ver como fazia sentido todas estas portas abertas para um novo mundo, perguntas que foram sempre surgindo, percebendo-se com várias leituras, que estas perguntas surgem sempre ao longo de qualquer trabalho de investigação, claro que por vezes, com algumas contradições e conflitos, mas sempre com a visão final de que é possível. Segundo Charréu, uma pergunta inicial é feita, tal como nos é ensinado quando nos propomos a escrever uma dissertação de mestrado. De facto esta pergunta em si é um método que depois se vai respondendo ao longo do trabalho, com a investigação efetuada:

A dimensão performativa e assumidamente ‘artística’ destes trabalhos, afasta-se dos critérios avaliativos e respetivos parâmetros de análise correntemente utilizados na investigação qualitativa. Esta tem claras limitações para avaliar o artístico, e o que implicam de infável e fenomenológico, sobretudo se nos posicionarmos a partir do lugar do investigador-artista consciente da própria natureza única e irrepetível do seu trabalho e da sua prática. (2019, p.87)

Será que este trabalho se considera artístico e se afasta do método qualitativo? Este trabalho aproxima-se forçosamente, mesmo não sendo uma obra de arte, mas ao mesmo tempo podendo ter em aberto essa possibilidade, porque dentro do qualitativo, existe o cartográfico de Deleuze e Guattari, confirmadas por Leticia Renault:

Neste percurso, dois referenciais teórico-metodológicos foram fundamentais para compreender como a experiência se reporta às noções de objetividade e subjetividade e à produção de conhecimento: a abordagem enativa e a filosofia de Gilles Deleuze e Félix Guattari. Ambas se mostraram referências fundamentais para promover a inclusão da experiência nas práticas de pesquisa e evidenciar o vínculo estreito entre produção de conhecimento e intervenção. (2019, p. 1384)

Ainda Charréu, afirma que cada metodologia é diferente de outra e dificilmente se podem repetir (2019, p. 90), sim é perceptível essa conclusão à medida que se lê e se procura as metodologias utilizadas e estudadas. É importante a palavra "inventiva", pois a criatividade tem que ter lugar na escrita de uma dissertação de mestrado ou tese de doutoramento, e claro aumenta a qualidade do trabalho, como justifica este professor:

A produção artística, como processo, consciencializável, em primeira mão, pelo artista, pode ser cartografada em pesquisa o que, na maioria dos projetos artísticos, ajuda a dar coerência a propostas que muitas vezes, comodamente, são qualificadas como ‘non sense’. O que alguns artistas hoje fazem é dar um sentido sensível, estético e visual (ou corporal, ou musical ou dramático...) às multiplicidades, tal como Deleuze e Guattari as concebem (Charréu, 2019, p. 94):

(...) as multiplicidades ultrapassam a distinção entre a consciência e o inconsciente, entre a natureza e a história, o corpo e a alma. As multiplicidades são a própria realidade, e não supõem nenhuma unidade, não entram em nenhuma totalidade e tampouco remetem a um sujeito. As subjetivações, as totalizações, as unificações são, ao contrário, os processos que se produzem e aparecem nas multiplicidades. (Deleuze & Guattari, 2011, p. 10)

Assim, neste capítulo concluímos que uma metodologia, sendo sempre diferente de uns trabalhos para outros e de umas investigações para outras, é essencial como caminho de busca, estrada de encontros e pesquisa de processos. Esta metodologia deu esta ajuda imensa de saber como juntar todas as pontas e dar valor e qualidade a um tema mais disruptivo.

## O QUE PODE UMA CARTA?

Pode ser uma parte de um mestrado!

Pode abraçar, pode acolher, pode escolher e escolhe ser uma carta!

Querida Professora Ana,

Fico muito feliz por poder escrever esta carta, mas também muito assustada. Apesar de ser a maneira como melhor me expresso, fico aterrorizada perante a possibilidade de fazer o que mais gosto e o que sempre sonhei, mas para mais leitores, a escolha do formato carta, como Almeida Garrett justifica, ajuda em tudo:

Quanto à forma, dei a este corpo de reflexões a epistolar, que por mais singela e desataviada, mais se dá com a facilidade do estilo e sinceridade de expressão, e melhor quadra ao natural pouco dogmático de um autor despresumido de si, que antes propõe como quem duvida, do que assevera como quem sabe. (2009 [1829], p. 89)

Cada vez encontro mais cartas, cartas para pais, cartas para filhos, cartas para professores, cartas para escolas, cartas para estudantes, cartas para jovens, cartas para jovens poetas, cartas para jovens filósofos, cartas para artistas, entre artistas, cartas entre irmãos, cartas todas elas pedagógicas, incentivadoras, motivadoras, felizes e tristes. Tão engraçado, que o próprio Paulo Freire escreve isso mesmo nas suas cartas pedagógicas. É possível que Cordova tenha razão quando diz dos seus objetos escolares, “ (...) representa[m] um caminho para a reflexão, do qual, sem dúvida, podem resultar contribuições significativas à escrita da História” (2016, p. 215). Como Freinet (1920) pensava, os alunos podem construir o seu conhecimento, com textos, livros, jornais, e sem dúvida, com cartas.

E cada vez mais se percebe a importância que uma carta tem, porque há uma determinada capacidade na escrita e na leitura que nos leva mais longe, nos faz ter mais coragem, aquela de que tanto precisamos neste tempo. Que bom que é escrever uma carta, para saber como estão e para contar como estamos. Uma forma mais próxima de nos chegarmos, de nos abraçarmos à distância. Que bom é exprimir os nossos sentimentos e ao mesmo tempo explicar o que está a acontecer, agora nesta altura mais confusa da vida e do mundo. Uma carta sobre o amor, uma carta sobre as preocupações,

uma carta de desabafo, uma carta pedagógica! Como escreve Rilke para o seu amigo Kappus: “Será que não percebe como tudo o que acontece é sempre de novo um começo, e não poderia ser o começo d’Ele já que todo o começo é sempre tão belo?” (2020, p.64).

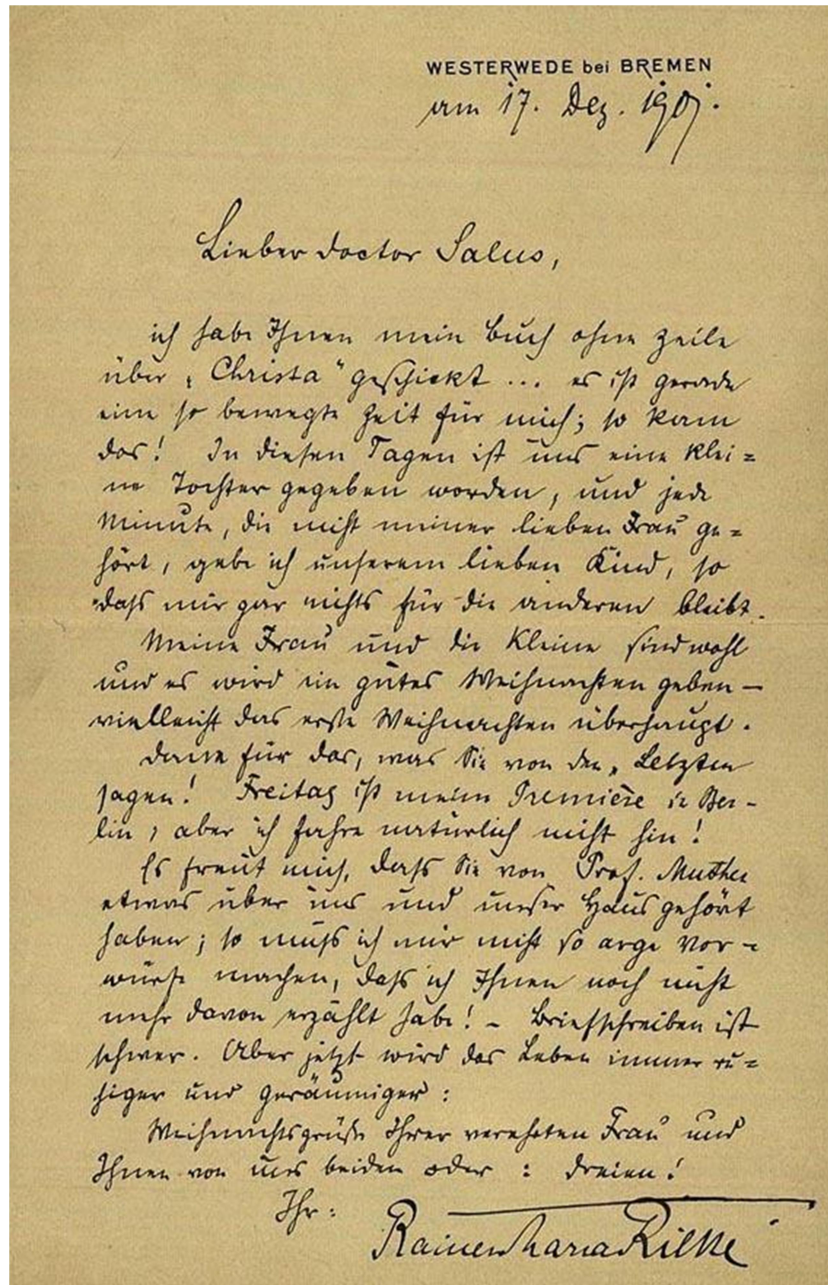


Figura 2. Carta de Rainer Maria Rilke

Na verdade, estamos bem, graças a Deus, temos sido protegidos em todos os sentidos. No sentido físico temos espaço para respirar e apanhar sol, conseguimos dormir bem e comemos coisas apetitosas e estamos com saúde. Também no sentido emocional estamos bem, apesar de termos a cabeça às voltas e o pensamento num turbilhão, mas

estamos protegidos emocionalmente porque estamos juntos, podemos conversar, dar abraços e beijinhos e isso faz toda a diferença. Tenho forçosamente que dar graças, agradecer todos os dias o dom da vida! Obrigada Senhor! Um bocado também de Sêneca a Lucílio, porque fala da vida, principalmente de como deve ser vivida, com paciência e cuidado: “Põe a tua inteligência em acção, observa como é na realidade a nossa vida, e não o que dizemos ela ser, e verificarás que muitos males nos são mais benéficos do que prejudiciais.” (2004, p. 610).

As cartas são um elemento tão universal, que sinto como uma verdade cada vez mais absoluta em cada leitura que faço, estas leituras fazem uma ligação concreta com o objeto carta. No fundo é realmente um objeto maleável, adaptável, quase plasticina. As palavras usadas por David Machado na sua obra *os Livros do Rei*, facilmente poderiam ser exemplo neste contexto atestando a importância e advogando em defesa da carta como objeto, tudo faz lembrar cartas e todas as menções são um deslumbramento:

Então o rei ordenou que a nova cidade tivesse, ruas que permitissem a qualquer pessoa chegar depressa ao coração de quem ama [as cartas chegam depressa ao coração de quem amam], pontes sobre as quais fosse possível alcançar o futuro [as cartas chegam ao futuro] e uma praça onde se pudesse encontrar todos os tipos de felicidade [as cartas conseguem transmitir todos os tipos de felicidade]. Além disso, mandou construir casas onde coubessem todas as memórias de quem lá vive [as cartas têm realmente esta capacidade, cabem todas as memórias de quem as escreve], com janelas através das quais se avistassem as melhores ideias [há cartas cheias de melhores ideias], portas que se abrissem para os segredos do Universo [as cartas conseguem conter os melhores segredos sobre o Universo] e chaminés que deixassem sair as tristezas [tantas cartas cheias de tristezas, que podem sair pela chaminé], pois tudo isso havia lido num livro de histórias de amor [os que são as cartas, senão histórias de amor]. (2017, p.12)

Gosto do que escreve, Alfredo Betâmio de Almeida (2007), esse grande professor, que a Ana tanto fala. É amável, piedoso, caridoso, triste, nunca foi realmente livre, mas conseguiu ir fazendo pequenas alterações nas suas aulas. Percebe-se ao mesmo tempo que este pensamento melancólico é mais ou menos transversal a outros artistas. E percebe-se de que forma realmente tudo se adapta às cartas, são catarse, são

preenchimentos de folhas de papel brancas onde se correm riscos, cobertas de conselhos, de conversas, de pedagogia, de ensinamentos. Sim as cartas podem ser ervas que crescem por aí, um sem infinito de coisas divertidas que vamos encontrando sempre e sempre cheias de intenções, como é desabafado no diário deste artista:

Melhor ou pior acabam sempre por se lançarem na aventura de fixarem o impossível, a ilusão, o sonho-inventado. Então o papel branco enche-se de letras que contam tristezas ou contentamentos sem par, mostram feridas ou tentam repetir gritos de amor. (Almeida, 2007, p.36).

É possível mesmo pensar que uma carta ou as cartas em geral são saudáveis ou tornam o ser humano mais saudável, mais feliz e podem transportá-lo, claro, para mais perto de si e do outro, ajudar a crescer cada um, ajudar a crescer o próximo, inclusive ajudar a compreender e aceitar o crescimento da humanidade em geral. Pode ser um instrumento, uma ferramenta, que de alguma maneira aproxima quem procura sinais do tempo, padrões, instantes, costumes das tarefas quotidianas, pode ser uma fonte histórica, pois arrasta consigo amostras e sinais de vida, biografias; uma fonte privilegiada e inesgotável de pesquisa.

São narrativas, “a história de vida pode elucidar respostas de aprendizagem” (Goodson, 2007, p. 249), o passado, o presente, histórias de vidas e de comunidades contadas por quem as viveu podem influenciar o conhecimento que temos dos redatores. A carta pode ser uma ciência comum, é forçosamente uma narrativa, como se disse anteriormente, mas dentro desta ciência comum, seria um sucesso, como alguns pedagogos já provaram nos seus métodos e foi utilizado várias vezes em ambiente escolar, como Freinet (1920), Freire (1984), Manzi (1950) e outros. E novamente se pode aplicar o princípio da não hierarquia, nem em sabedoria, nem em inteligência, nem em mestria, nem em poder, tendo em conta que o conhecimento da ciência das cartas pode ser aberto e é para todos.

Por um lado, a carta aproxima autor e leitor, por outro transporta em si a distância que permite ver com mais clareza. Parece contraditório, mas na verdade o afastamento ajuda a ver: estando longe conseguimos ver coisas que de perto se naturalizam, podemos escrever sobre elas e, portanto quem lê, está presente como interlocutor no tempo-lugar da escrita; mas quando o destinatário a recebe, lê com outra atenção e com outro cuidado, que estando perto não teria.

Querida Ana, que bom que é estar aqui a tentar avançar com mais uma carta, avançar na vida. Poder partilhar o que tenho descoberto e que a Ana nos ajudou a discernir.

Obrigada, tenho forçosamente que agradecer este gosto que tem sido este trabalho. O gosto que foram as aulas, o gosto que é cada elemento de informação nova que manda, o gosto que é cada nova etapa do caminho que nos faz percorrer, cada nova ajuda, como afirma Rancière “Assim progredia o aluno, na apropriação racional do saber e na formação do julgamento e do gosto.” (2002, p. 17). É mesmo, claro que se educa o gosto! Obrigada!

Gostaria de continuar aqui a escrever elogios e agradecer sinceramente, mas sei também que nos ensinou a conversar, uns com os outros e principalmente com todos estes autores que nos deu a conhecer. Diálogos eternos, conversas paralelas, com filósofos, pedagogos, pensadores inteligentes, contemporâneos e passados, heranças que se podem recuperar, renovar e talvez reciclar nalgumas ocasiões. Que bom que é partilhar o que vamos aprendendo, juntar e ligar com o que a Ana e os outros professores nos levaram a ler e a conhecer. A emoção que foi quando nos fez escrever uma carta à professora que mais nos marcou. Perceber como tudo faz sentido quando na verdade estas temáticas sempre pulsaram em mim como pessoa pensante, uma intuição permanente que depois se vai confirmando à medida que avanço e conheço ainda mais!

As cartas aproximam, são de acesso simples, contêm afetividade, criam uma intimidade muito necessária na educação. Esta intimidade e esta proximidade criam também, de alguma maneira, uma certa facilidade em aprender, porque lemos a carta com verdadeiro interesse, somos agarrados e conseguimos uma atenção quase permanente, porque fala ao coração e de alguma maneira da vida, da nossa vida, que sempre nos interessa e como a misturamos com o que queremos ensinar e com o que queremos aprender!

Irresistível roubar a pergunta a Jorge do Ó: “O que pode um professor?”, que na verdade já se tinha inspirado na pergunta de Espinoza (sec. XVII), “O que pode um corpo?”, como explicou Leonardo Charréu. Faço a pergunta: O que pode uma carta? Uma carta pode encurtar distâncias, pode obrigar a pensar, uma carta leva-nos mais longe, leva-nos a viajar. A graça ou magia ou capacidade das cartas é que são escritas para alguém ou tendo alguém em mente, mas depois podem ser lidas por outros, e parecem ter sido escritas para esse alguém desconhecido, encontradas numa qualquer caixa de correio.

Uma carta pode ser uma fonte privilegiada e inesgotável de pesquisa, em termos históricos, bibliográficos ou simplesmente de busca, quase como uma infinita rede de informação.

Paulo Freire (1984) insiste que devemos sempre estudar e até sempre, porque estudar, aprender, nos dá alegria e prazer, nunca desistir porque é possível perceber tudo. Devemos desde pequenos ter a capacidade de em conjunto aprender e escrever, porque as duas coisas se complementam, como conseguimos fazer nas aulas da Ana, aprender e escrever em conjunto. Uma carta é realmente um objeto que consegue as duas coisas, é completamente complementar em relação à aprendizagem. Bom é escrever uma carta a um professor, a um amigo, a uma mãe que não conseguimos compreender. Uma carta que nos ajuda a pensar. É incrível, porque as cartas são realmente intemporais, lidas por quem quer que seja, onde quer que seja são sempre apropriadas ou têm sempre uma mensagem.

Como é que tornamos uma carta familiar numa carta pedagógica? Quando realmente se pega no objeto que tem anos e conseguimos ao lê-la ainda hoje, perceber a capacidade incrível que os pais ao longe têm de educar. Ou um mestre que admiramos, que nos escreve a aconselhar como devemos lidar com a vida, como devemos continuar com as nossas convicções a crescer e a evoluir na nossa arte e na nossa aprendizagem. Quase como agora que se tem aprendido à distância. O Papa São João Paulo II afirma que “a arte possui uma capacidade muito própria de captar os diversos aspectos da mensagem traduzindo-os em cores, formas, sons que estimulam a intuição de quem os vê e ouve.” (Wojtyła, 1999)

E que incrível foi, querida Ana, quando tivemos a proposta de escrevermos uma carta à professora que nos tinha marcado na vida escolar. Então trago esta imagem do texto partilhado *Tu casa es mi casa*, da Ana: “Re.cor.dar = ação de voltar a ter no coração, voltar a sentir. E como afirmam Immordino-Yang e Damásio (o nosso): We feel, therefore we learn” (2007). Tive realmente uma professora primária maravilhosa, como encontrei uma especial no liceu de português e outra singular de gramática na licenciatura. Recordá-las foi realmente fantástico! E depois no mestrado também, a que escolhi para orientadora. E tenho sempre a sensação que há ligações na nossa língua, o português, e as cartas fazem essa ligação.

Tenho a sensação que a carta é um objeto seguro, de paz, é um objeto que beneficia, que alegra, que trás e leva tranquilidade, porque nos vem ajudar. No fundo parece que é chamado um porto seguro, porque está ali, fisicamente e em papel verdadeiro. Mas mesmo que venha por correio eletrônico, como agora se faz mais, tem um impacto diferente, mas chega ao coração e podemos recordar, quase como uma aventura intelectual. A carta é um acto de coragem, uma passagem para outro lugar, uma oficina de ofícios, em que podemos partir para o momento em se começa a aprender, tudo o que sabemos foi uma carta.

As cartas podem de algum modo representar as histórias de vida, na narrativa que Ivor Goodson (2007) explica, como bastante pedagógicas, para que os professores consigam melhorar as suas aulas ou que possam ajudar na formação dos alunos. Uma carta só por si tem forçosamente histórias, são biográficas em vários sentidos, porque é irresistível contar momentos do nosso dia ou contar emoções que sentimos ou alguma preocupação que nos ocupa o cérebro, “Uma súbita iluminação tornou, assim, brutalmente nítida, no espírito de Joseph Jacotot, essa cega evidência de todo o sistema de ensino: a necessidade de explicações.” (Ranciére, 2002, p.17).

Uma carta é uma viagem, ela própria faz uma viagem para chegar ao destinatário. Quase uma máquina do tempo. Uma viagem paralela, um mundo paralelo dentro do mundo comum, um porto desconhecido, como os livros do Schuiten e Peeters (1983), são entradas paralelas. Parece que as cartas são uma dessas viagens paralelas, um desses mundos à parte, onde se entra por portas secretas no meio das cidades, como os marcos do correio ou uma estação de metropolitano. Não só porque estão a correr noutra carril, como nunca acabam e transportam emoções e sentidos. Uma carta é infinita ou digamos que é eterna, uma carta fica sempre e se daqui a cem anos for lida, pode ser considerada escrita agora para nós ou por nós, como este sensível escritor apresenta:

Meu caro senhor Kappus: deixei uma carta sua sem resposta durante muito tempo, mas não significa isso que a esqueci. Pelo contrário, é o tipo de carta que se relê, quando encontrada no meio da correspondência, e reconheci-o nela como se estivesse presente. (Rilke, 2020, p. 39 e 40).

Sinto isso tantas vezes em cartas, é realmente como se as pessoas estivessem ali connosco, na nossa presença, na nossa sala e é ao mesmo tempo um presente, quase

como uma joia preciosa. Uma carta tem alguma coisa de livre, de mais espontâneo, sem dúvida, mas principalmente de mais liberto há menos regras de etiqueta ou será que há mais? Sabemos pelo menos que é bem mais definitivo, por isso o cuidado deve ser redobrado para só dizer coisas boas, queridas e simpáticas, porque sabemos que vai andar por aí uns anos e sabemos que vai matar saudades e sabemos que nos vai ensinar a ser melhor, nos vai ajudar a crescer, a evoluir, nos vai forçosamente educar. Será que podemos mesmo dizer que uma carta é pedagógica? Uma carta pode isso tudo? Ou deve isso, espero eu, são especiais, tão amigas e apaziguadoras.

Escrever cartas acaba por ser de certa forma uma arte de sociabilizar, mesmo que seja eletronicamente, que está ao rubro neste momento, porque já tinha começado, e se intensificou com o estar fechado em casa. A verdade é que a escrita das cartas serve também para o que Aristóteles afirma em relação à vida, qualquer pessoa que leia ou escreva uma carta, escreve com o sentimento da busca do bem e de um fim feliz: “Aristóteles identifica a busca da felicidade como o fim último da vida. Ora como o fim de todos os nossos actos deve ser a procura do bem, a felicidade identifica-se com o próprio bem.” (Marques, 2002, p. 38).

A carta pode no fundo, pensar um bocadinho como todos filósofos da antiga Grécia, onde este pensador apresenta uma explicação bem explícita:

Que procuram filósofos como Sócrates, Platão e Aristóteles, senão um conteúdo para a vida do homem livre (...)? Eles perceberam de forma muito clara que os homens livres que se esquivam às responsabilidades que a liberdade implica, não poderão jamais ser felizes nem continuar livres. E nisto não se enganaram.  
(Weil, 2000, p. 68, 69)

A carta pode de alguma maneira ser uma nova capacidade de criar arte, de criar simplesmente! Pois é pelo trabalho, pela criação, pela ação fundamentada, que se atinge a plenitude. A carta produzida, inovada e criada – criada para ganhar vida na cabeça de cada um, para conquistar memórias criativas, memórias conscientes, memórias passadas, novas memórias! Como é que podemos criar a nossa história sem sabermos como foram as outras histórias? Educar pelo testemunho de outros, que reconhecemos como mestres, como artistas, procurando compreender as suas ideias, conhecendo-as profundamente e permitindo-nos adquirir uma linguagem própria, com carácter, para criarmos também. A possibilidade da carta informal, fora dos muros da escola, mas ao

mesmo tempo complementar, inovadora, aberta e entusiasta, que nos leve a querer escrever sempre mais. Principalmente tendo em conta que já houve escritores de cartas na história da humanidade que deixaram testemunhos escritos e fazem parte da história do ensinamento, da pedagogia, passando para os nossos dias a sua arte, como Séneca e Garrett. A carta como um ser imaginário e infinito: “Imaginário cultiva-se. Espantar-se, maravilhar-se, é espontâneo na criança. Mas esta disposição depressa desaparece ao contacto de explicações lógicas trazidas pelos media e pela escola.” (Postic, 1992, p. 23)

A carta como uma: “ (...) tentativa de resposta às necessidades individuais de todos e de cada um dos alunos, operacionalizada através da gestão pedagógica diferenciada.” (Morgado, 1999, p. 26). Tendo em conta estas necessidades especiais, é essencial pensar como Rousseau, onde apresenta os problemas escolares tendo em conta o método de ensino expositivo:

As noções que aprendemos por nós próprios através das coisas, são indiscutivelmente mais claras e mais seguras do que as que aprendemos através de outrem; e, além de que não habituamos a nossa razão a submeter-se sensivelmente à autoridade, tornando-nos mais hábeis a encontrar relações, em ligar ideias, em inventar instrumentos, do que quando, ao aceitar passivamente o que nos dão, deixamos cair o nosso espírito na moleza e na apatia... (1990, p. 172)

Este romance veio de alguma maneira marcar todo o processo de renovação da pedagogia nos futuros pensadores da educação, *Émile* obrigou a humanidade a pensar de uma outra maneira e trouxe o iluminismo para influenciar toda uma sociedade em ebulição. Foi onde Rancière (1991) se inspirou, tendo em conta que Rousseau (1762) também era contra a autoridade em geral, principalmente no regime repressivo escolar, demonstrou que capacidade de cada um se expressar livremente, torna o ser humano mais capaz. Cabe numa carta esta definição de educação livre, sem regras definidas e futurista.

## O OBJETO EM SI

Explicar com definições verdadeiras e bem delineadas, o que pode ser o objeto carta, uma procura do concreto, para se seguir depois para o abstrato. Como pode este instrumento tão palpável e físico ser transformado depois numa linha coerente de elo com a educação e a formação do ser humano em permanente crescimento.

Querida Ana, na sua Tese de Doutoramento explica a importância de um exercício utilizado no Mestrado em Ensino das Artes Visuais da Universidade de Lisboa, a “Carta a um/uma professor/a”, “ (...) para aproximar os alunos e assim promover a criação de laços essenciais ao desenvolvimento de um contexto favorável à partilha de experiências.” (Sousa, 2016, p. 126). Há sempre uma imaginação diferente em cada objeto carta, esta imaginação que segundo Marcel Postic: “Imaginar é evocar seres, coloca-los em situações, fazê-los viver a seu bel-prazer. É criar um mundo à medida da sua fantasia, nela se libertando. Tudo é possível. Tudo se realiza.” (1992, p. 13).

O que é uma carta? Aparentemente, um texto no qual uma pessoa se dirige a outra por escrito. Tendo por suporte o papel – suporte que hoje em dia pode ser digital e até imagine-se a incredulidade dos antigos ser enviada eletronicamente. Através dela a remetente expressa algo ao destinatário. Uma carta existe se cumprir com esta função, fazer chegar ao destinatário um conjunto de ideias, informações, estados de alma. Assim, uma carta que não é enviada ou não é lida pelo seu destinatário perde o seu carácter epistolar, o objetivo pelo qual foi escrita, restando como um mero escrito de cariz pessoal, mas mesmo assim utilizável mais tarde, por quem a descobrir. Pode acontecer que muito tempo depois venha a ser lida por um terceiro ou até que chegue, “finalmente” ao seu destinatário e então ganha de novo o seu estatuto: É de novo uma carta, na verdade é sempre uma carta, com as que Kafka escreveu ao pai, mas nunca enviou, é sempre e forçosamente uma eterna carta: “Agiste comigo como tinhas de agir, só que devias deixar de considerar uma maldade especial da minha parte o facto de eu ter sucumbido a essa actuação.” (2004, p.11) E isto leva ao seu conteúdo, por mais banal que seja encontrou eco em alguém. Deu-se o “encontro”. Agrade ou não, fez sorrir, deu-lhe uma informação querida ou desconhecida: o eco da missiva aconteceu. Como este encontro que se deu por quem lê as cartas, agora, de Kafka ao pai, para este escritor as cartas podem ser uma catarse, não se entendia com o pai, que sempre foi

muito repressivo e que o marcou pela negativa, mas ele sabia (será que sabia) que o pai agiu sempre por amor, mas que amor... claro que o querido Kafka era completamente rizomático, “A contabilidade e a burocracia procedem por decalques: elas podem, no entanto, começar a brotar, a lançar hastes de rizoma, como num romance de Kafka.” (Deleuze e Guattari, 2000, p. 24). A carta começa assim: “querido pai...”

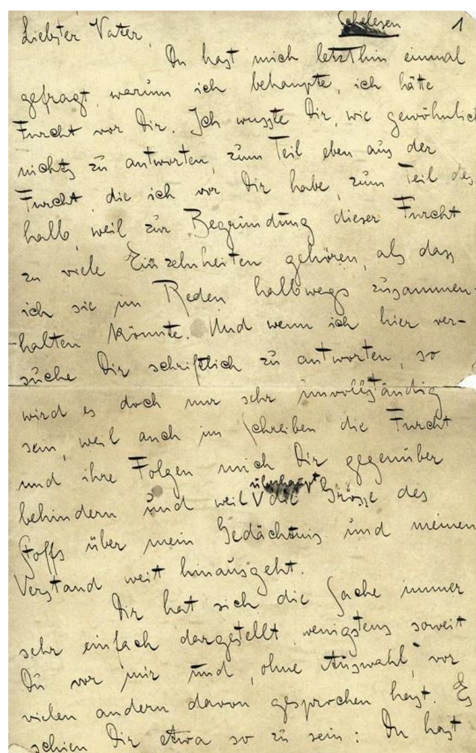


Figura 3. Franz Kafka: carta ao pai

O contexto de uma carta surge na necessidade que alguém tem de comunicar com outro alguém, quer dando o primeiro passo no sentido de ir ao encontro de um terceiro, quer respondendo em conversa com o terceiro a uma missiva enviada por este anteriormente. Deste modo, de seu “punho e lavra” o remetente transmite ao destinatário um conjunto de impressões ou dirigindo-se a ele na procura de impressões. Pode acontecer a inversão dos papéis de destinatário/remetente. As cartas reproduzem, produzem e recuperam memórias, através de imagens imaginadas, torna as memórias vivas e levam à criatividade e à formação do futuro, à transformação em cultura. Podem quebrar regras, porque não há rigidez na escrita de uma carta, podem saltar muros e ultrapassar fronteiras, até da imaginação, é um processo que se adapta ao contexto na qual se manifesta, é maleável, pode ser indisciplinada.

Uma carta é sempre um discurso unidirecional – ainda que aparentemente se possa crer que há diálogo – o autor tem sempre naquele momento, da escrita, o poder e a liberdade do ato solitário, de expressar sem a interferência do outro aquilo que quer. A lógica que aqui procede é invariavelmente a do monólogo. O destinatário não pode intervir no processo criativo de uma carta. O remetente é o senhor do seu discurso e na carta toda a possibilidade de conquista e de posse estende-se. É o seu reinado. Inclusive, é possível considerar como uma obra de arte, porque segundo a define Leonardo Charréu, é um objeto artístico:

A arte não é produzida para ser refutada, mas para ser fruída. Podemos, eventualmente, verificar a incoerência de uma dada proposta artística face a um tempo, ou a um espaço, mas não podemos dizer que não é verdadeira. Mais do que ‘representar’, a arte ‘presenta’, isto é torna presente, de forma original, única e singular, determinadas dimensões da vida humana que não podem ser expressas ou veiculadas pelos outros dispositivos culturais e simbólicos que tem à sua disposição. No fundo, preenche necessidades humanas (...). (2019, p. 91)

A carta é fruída e bem, apreciada com toda a delicadeza; é completamente verdadeira, de tão física que é; é presente, é um presente maravilhoso, para quem recebe, mas também pode ser futuro e passado; completamente original, nunca há duas cartas iguais; marcantes e simbólicas; preenche sem vacilar algumas necessidades humanas. Será que pode ser considerada um vírus? Não porque esteja na moda, mas porque pode funcionar como uma linguagem. Voltando às definições, um vírus é pequeno, formado por um código que não precisa de ser humano, mas se o apanhar (ao ser humano), reproduz-se, uma explicação de João Queiroz nas suas aulas. Como uma língua materna que se passa de geração em geração, pertence a todos, aos anteriores e aos vindouros, não tem origem em nós, mas nos outros, temos esta ideia de nós, porque usamos a língua, que nos foi dada através da educação, porque a ideia de nós é uma mistura de todos os que nos rodeiam. Como uma carta precisa de ser passado para funcionar, para existir a carta precisa de ser herdada, dada, distribuída. De novo a carta cabe numa definição alternativa! Como Foucault define linguagem e se apropria neste contexto:

Sob sua forma primeira, quando foi dada aos homens pelo próprio Deus, a linguagem era um signo das coisas absolutamente certo e transparente, porque se lhes assemelhava. Os nomes eram depositados sobre aquilo que designavam,

assim como a força está escrita no corpo do leão, a realeza no olhar da águia, como a influência dos planetas está marcada na fronte dos homens: pela forma da similitude. Essa transparência foi destruída em Babel para punição dos homens. (1981, p. 52)

As cartas surgem-nos também nos mais variados contextos: de amizade; familiar; amoroso, cultural/espiritual, académico, intelectual, político, profissional, ideológico. Podem ter um único destinatário ou vários, ou até uma comunidade de pessoas concretas ou um conjunto de pessoas que o remetente ignora. Os géneros da carta podem ser os mais variados possíveis e numa mesma carta muitos deles acontecem simultaneamente. Segundo esta lógica a carta pode ter um carácter pessoal, dar a conhecer uma série de circunstâncias pessoais, de emoções, acontecimentos do autor; ou ser meramente informativa, dar a conhecer um ou mais conjuntos de factos ou informações em sentido estrito; Podem ter um carácter claramente pedagógico, quando imbuídos de uma vontade que as palavras nelas contidas visam uma influência direta no destinatário, na sua formação pessoal, moral, cultural artística, religiosa, o que seja. E encontramos, se nos alongarmos, um sem número de objetivos em torno da mensagem contida numa carta.

Quando a mensagem inicial enviada por A, deixa de estar na sua posse, passa a ser de B. Acontece então, algo surpreendente, a posse do conteúdo da carta deixa a esfera do remetente e passa a estar, pela leitura do seu conteúdo, na posse do destinatário. E o olhar e o modo como este se apropria da carta é sempre, também ele, livre; é sempre também passível de muitas leituras, entre outras, uma leitura pedagógica, uma leitura de ensinamento. Pode até – e se calhar muitas vezes – acontecer ser lida *a posteriori* por um terceiro que tem acesso à carta e que nela encontra esse sentido, aquilo que lhe chega, já não é somente a voz do destinatário, mas o Eco apropriado das palavras do destinatário. A leitura da missiva transcende-se.

“Aqui vai uma cartinha!” Como diziam/escreviam antigamente, a palavra cartinha é engraçada, é quase um elemento da família ou um objeto precioso, mas a relação com as cartas era mesmo especial na época em que só se comunicava por carta, fazia mesmo parte da vida como algum parente afastado ou um objeto de valor sentimental estimado. Divertido pensar nisso assim! A carta é um objeto cénico de uma peça de teatro que é a vida, que explora a ideia de cultura e de arte enquanto conhecimento e do fantástico

enquanto ferramenta de transformação, in *Passagem secreta*, peça para crianças em cena a Novembro de 2021, no Teatro São Luiz.

Como objeto palpável, físico, que podemos guardar, arder, beijar, dobrar, mandar pelo correio, atirar pela janela, apertar, esticar, molhar, secar, partilhar e responder! A resposta pode sempre salvar alguém, salvar quem responde ou quem manda, mas tem uma conotação de salvação de qualquer das maneiras, porque nos ajuda a pensar, a refletir e a crescer. Mais ainda o que Vallejo, no seu *Manifesto pela Leitura* afirma:

Os livros [as cartas], veículos da nossa memória capazes de transformar o futuro, não surgiram de uma inspiração repentina, foram uma invenção desejada e procurada. Muitas mentes de diversos séculos trabalharam para melhorar, explorando engenhosas possibilidades. O desejado suporte para a escrita devia ser ao mesmo tempo pequeno, leve, flexível, fácil de transportar e – nos melhores sonhos – também duradouro. (2021, p. 37)

Tudo o que uma carta pode e deve desejar, é pequena, leve, flexível e fácil de transportar, e consegue o melhor sonho, é duradoura. A carta é sem dúvida capaz de transportar o futuro e o passado. A carta continua portanto sempre atual, sempre em cima do acontecimento, sempre capaz, que alegria é provar, comprovar estas capacidades eternas e imensas.

A definição de objeto no dicionário de língua portuguesa, da Porto Editora é cuidadosa e interessante: “s. m. tudo o que afecta os sentidos; coisa material; aquilo de que se trata; assunto; matéria; questão; tema; finalidade; fim; propósito; fito; motivo; causa; motivo de uma acção, de um sentimento (...)” (Costa, 2001, p. 1167)

Incrível como uma carta é tudo isto, é este objeto que vem descrito no dicionário. Mesmo que o mundo mude ou seja alterada a maneira de escrever, esta definição será sempre confiável. Também no mesmo dicionário a definição de carta:

“s. f. [divertido, é uma menina] escrito fechado que se dirige a alguém; epístola; missiva; mapa; cada um dos cartões que formam um baralho; diploma de um curso; documento oficial que contém despacho, provisão ou licença; contrato internacional; (...) ~ *aberta* carta que se dirige publicamente a alguém por meio de um jornal ou outra publicação; ~ *constitucional* constituição outorgada por

um governante; (...); *dar~s* pôr e dispor à sua vontade, ser mestre; (...)"(Costa, 2001, p. 314)

Fantástico, como na definição de objeto há uma aproximação muito mais aplicável neste projeto, do que na definição de carta em si, tem uma abrangência mais significativa. Ao mesmo tempo deixa de lado a possibilidade de haver alguma pedagogia em qualquer das variadas definições. Indo à definição de epístola, também na Porto Editora, “*s.f.* [outra menina] carta; missiva; (...) LITERATURA poema, de tema filosófico-moral ou sentimental, endereçado pelo autor a um protector ou a um amigo (Do gr. *epistolé*, “carta”, pelo lat. *epistula*- “id.”)”. (Costa, 2001, p. 641)

Encontra-se já uma aproximação do intento de chegar a este maravilhoso objeto como um adereço de educação, crescimento, enamoramento ou pedagogia. Com o tempo, é possível entender, que a carta é um objeto incrível, porque na verdade contém sempre algum tipo de obstáculos, a distância, a relação, mas que servem definitivamente para estimular, para fazer estar, parar, pensar, agir, mas em permanente desassossego, como diz Agostinho da Silva:

Temos que levar gente, não a uma vida cómoda, a uma vida fácil, mas temos que ter a coragem de levá-la a uma vida difícil, a uma vida perigosa, pois só com uma vida difícil, rigorosa e perigosa, dá o homem o melhor de si próprio. É necessário obrigá-lo a saltar obstáculos. A primeira tarefa de educador é procurar varas bem altas e obrigá-lo a saltar. (2000, p.26)

Obstáculos que nos façam ir mais longe, desafios que encoraja a procurar sempre mais, a continuar sem parar, porque saber, aprender é realmente importante! Estes obstáculos podem ser uma carta, muitas cartas, de professores, de amigos, de mestres, de pais, de mães, de filhos, de irmãos!

Claro que depois temos a palavra partilhar, sente-se de alguma maneira como uma chave que liga tudo. Partilhar é importante, porque este objeto carta tem esta capacidade inata de poder ser partilhado, é um objeto partilhável, daí a sua importância, pois pode passar de geração em geração, pode ser passado de uns alunos para outros, de uns amigos para outros, de uns professores para outros, como as cartas do Paulo Freire (1920), de uns filhos para outros, como as cartas de Eça de Queiroz (1900). Sente-se a carta como um objeto vitalício, sem prazo de validade, eterna, por isso completamente

partilhável. É um objeto que dura, pode ser transportado no bolso, não se estraga, até pode ter pingos de chá ao ser lida ao pequeno-almoço, pode arder um canto, porque está a ser lida enquanto se faz o jantar ao lume. Mesmo que a carta arda na sua totalidade ficam as cinzas e as memórias, fica sempre alguma coisa, uma carta é mesmo imortal. As cartas fazem e trazem memórias, precisamos delas para crescer intelectualmente e emocionalmente. “ (...) objeto como portador de sentidos ligados ao sistema de valores e representações sociais que ultrapassam a função de objeto destinado, somente, ao registro do processo de aprendizagem.” (Cordova, 2016, p. 212)

Um objeto tem a vantagem de poder ser manuseado, quase que se pode falar nos cinco sentidos: o tacto, o cheiro, a visão, a audição (se se ler em voz alta, ou imaginar a voz de quem escreveu), e até se pode saborear, em sentido lato. Encontramos mesmos os cinco sentidos numa carta de um poeta soldado:

O de Languenau escreve uma carta, perdido em pensamentos. Traça lentamente, com letras grandes, sérias, bem erguidas:

“Minha querida mãe,  
fikai orgulhosa: sou eu quem leva a bandeira,  
não vos preocupais: sou eu quem leva a bandeira,  
gostai de mim: sou eu quem leva a bandeira-“

Então põe a carta na farda, no sítio mais escondido, junto da pétala de rosa. E pensa: daqui a nada vai ficar com o seu cheiro. E pensa: talvez alguém a encontre um dia... E pensa... Pois o inimigo está próximo. (Rilke, 2018, p. 33)

O gosto que é partilhar estes encontros do acaso com livros desconhecidos de autores conhecidos. A partilha de conhecimento e da vida, tem este gosto de dividir um chocolate, sabe sempre tão bem, partilhar o que sabemos leva a um aumento de conhecimento, leva também a uma ausência de autoridade, sem autoridade é mais fácil a intimidade, é mais fácil o conhecimento, parece uma roda sempre a andar com tudo interligado. Deve assim, retirando a autoridade, haver igualdade, igualdade de inteligências, como referia Ranciére (1991), como a auto educação de Jacotot, sem hierarquia de conhecimentos. Sabemos que há uma capacidade intelectual inata em todo o ser humano, que deve ser trabalhada, como um caminho a percorrer, passando por todas as etapas necessárias, mas sabemos que este caminho é infinito, mas animado ao

mesmo tempo, para estarmos sempre a crescer espiritualmente e a evoluir pessoalmente. Podemos pensar então que esta educação, a auto educação poderá formar seres humanos mais livres e com instrumentos para pensar e atuar no seu quotidiano, com capacidades cognitivas, autónomas e de cidadania.

Faz-nos ver que realmente a carta consegue ser um elemento pedagógico, porque consegue ligar tudo isto e ligar as pessoas, ligar o conhecimento, ligar os tempos e a história, indica uma via, como diz Séneca: “Indico aos outros o caminho justo, que eu próprio só tarde encontrei, cansado de atalhos.” (2004, p.609). A educação, ensinar, levar o outro, ajudar o outro a ter uma vida mais livre, mais consciente, mas também de vez em quando levar ao colo nalguns momentos menos leves e com a leveza de uma carta parece, de alguma maneira discreta, mas mais eficiente, ainda Séneca: “Acredita: os que mais fazem são os que menos parecem fazer, pois tratam ao mesmo tempo dos planos humano e divino.” (2004, p.20).

O objeto em si consegue ter algo de belo, porque transforma, porque pode ser até considerado uma obra de arte, nalguns momentos ou por quem é escrito, tantos artistas que escreveram cartas lindas, o Papa São João Paulo II, fala na beleza de uma maneira muito comovente:

A beleza é chave do mistério e apelo ao transcendente. É convite a saborear a vida e sonhar o futuro. (...) Que as vossas múltiplas sendas, artistas do mundo, possam conduzir todas àquele Oceano infinito de beleza, onde o assombro se converte em admiração, inebriamento, alegria inexprimível. (Wojtyla, 1999)

É isto um objeto, esta definição encaixa lindamente, pode ser um oceano infinito de beleza!

A carta como capacidade para criar curiosidade, criar criatividade ou criar gosto! O gosto pelo conhecimento, pelo desconhecido que é o estar sempre a escrever e a descobrir novas formas de o fazer, de perceber, de dialogar com o mundo, com os outros ou dialogar com as essas outras cartas! A carta para investigar como método principal, investigar pedagogos, filósofos, escritores e criativos, aqui entra também a intuição que ajuda de alguma maneira a ligar e perceber como é que estas pedagogias, estas cartas e estes pensamentos fazem sentido numa tentativa de investigação como esta. Escrever cartas tem uma capacidade de educar, pode ser uma arte do crescimento

do ser, onde a liberdade da imaginação é total, tão importante para o ser humano, pois permite viagens e sonhos intermináveis. As cartas são de alguma maneira actos de reflexão sobre a vida, como estes escritos do artista e professor Betâmio de Almeida:

Outro intelectual do meu tempo, este infelizmente já morto, Edmundo Curvelo. Outro espírito para quem o desejo duma compreensão mais larga das coisas e dos homens foi sempre o seu fito. A vida foi-lhe dura. Escondeu inúmeras vezes a revolta numa forma poética. E por fim lançou-se numa universal forma de raciocinar capaz de diminuir cada vez mais as possibilidades de erro. A partir deste momento eu não sabia o suficiente para o entender bem, mas a nossa amizade começada quando ele arrancou para a sua fulgurante vida de intelectual levava-o a falar-me do seu trabalho. Quando morreu, encontrara ou julgara ter encontrado uma lei de larga amplitude esclarecedora, e isto por certo, parece-me agora, devia ser também uma procura de integração. (2007, p.30)

São como diários, muitas vezes, como estes textos de Betâmio de Almeida. Quase como cartas que escrevemos para nós próprios e não para um destinatário conhecido ou desconhecido, são algumas vezes orientações e por isso servem também para outros, os que não estavam previstos. Também os diários de Goodson (2007) nos mostram como relatos de vida são de alguma maneira ou modo de ensinar, daí que forçosamente uma carta familiar é pedagógica. Encontramos várias provas irrefutáveis, à medida que vamos descobrindo vidas de pessoas, artistas, pedagogos ou simplesmente seres humanos. Daí esta intemporalidade do objeto carta, serve agora, serve há cem anos, serve daqui a 40 anos, porque a vida ensina, o dia-a-dia ajuda nesta caminhada, a carta alimenta esta aprendizagem múltipla. Como este labiríntico escritor descreve o pai:

Sentado na tua poltrona, governavas o mundo. A tua opinião estava certa, qualquer outra era louca, excêntrica, doida, não normal. A confiança em ti próprio era tão grande que não precisavas de ser consequente e, mesmo assim, não deixavas de ter razão. (Kafka, 2004, p.15)

Será que era mesmo confiante ou era insegurança pura, este pai aterrorizador de Kafka, e tinha esta atitude, que acabou por ser sempre considerado um monstro, pelo filho. Como pais nunca sabemos bem se estamos a fazer o certo! Mas em cartas acabamos sempre por conseguir um objetivo mais fiável, mais rico, mais leve, mais pedagógico,

como estas cartas que Kafka escreveu ao pai para melhorar a relação entre os dois, nunca as chegou a entregar, mas teria funcionado de certeza. Quem de nós não teve incompatibilidades com um pai ou com uma mãe, como na Sonata de Outono, de Ingmar Bergman (1980), aquela mãe ou aquela filha, uma troca de cartas sinceras teria resolvido os problemas. Ou talvez o próprio Bergman, se tivesse escrito cartas aos pais ou aos irmãos, poderia ter tido uma relação familiar mais saudável? E seria, mesmo assim, um artista genial? Problemas familiares dão génios? Como Kafka (1900)!

As cartas também são pedagógicas no sentido que podemos praticar a escrita com cartas, podemos aprender a escrever ou treinar a gramática, são pedagógicas porque com cartas podemos aprender a lidar com emoções, sentimentos em relação a outras pessoas e em relação ao mundo. Apesar de estarem em extinção, é possível uma recuperação epistolar mostrando cartas antigas e incentivando as gerações atuais a escrever, de alguma maneira as mensagens trocadas a todo o momento nas redes sociais poderão ser consideradas como mini cartas. Ainda há cartas em papel, ainda há mães que escrevem cartas aos filhos, ainda há mães que encontram cartas de amor numa mesa-de-cabeceira de um filho adolescente, e cartas bonitas, ainda há maridos que escrevem cartas de amor, e bonitas. São sempre bonitas, especiais e emocionantes, principalmente porque acaba por haver alguma cerimónia, a carta tem sempre um cerimonial próprio, como também uma certa cordialidade diferente no trato do outro.

Um lugar, uma carta pode ser um lugar, aquele em que estamos, aquele em vamos encontrar o destinatário ou mesmo aquele que se sonha estar quando se escreve a carta. É de certeza um lugar onde se está junto da pessoa a quem se escreve a carta. A carta pode ser uma descoberta, as cartas podem ser descobertas, como quem lê uma carta muitos anos mais tarde e que era para um antepassado, ou a descoberta das cartas de um artista como Van Gogh, que faz de repente ver tudo de outra perspectiva, cartas fazem descobrir vidas e momentos e lugares:

O jardim de Daubigny

Em primeiro plano relva verde e rosa, à esquerda um arbusto verde & lilás e uma variedade de plantas com folhagem esbranquiçada. No meio uma cama de rosas. À direita um obstáculo, uma parede e acima da parede, uma aveleira com folhagem roxa.

Depois, uma sebe de lilás, uma fileira de tílias amarela. A casa no fundo, cor-de-rosa com telhado de azulejo azul. Um banco e três cadeiras, uma figura preta com um chapéu amarelo e em primeiro plano um gato preto. Céu verde pálido. (1890, c. 555)



Figura 4. Carta de Vicent a Theo, 1890

E ficamos a imaginar esta vida, este momento, este lugar, quase como se o tivéssemos vivido. É mesmo incrível a capacidade de uma carta, de um objeto que atravessa vidas, atravessa momentos, atravessa lugares. Estas cartas criam sem dúvida um imaginário coletivo cultural marcante para a humanidade, fazem parte da história e fizeram história, sem dúvida nenhuma.

Há os que nunca receberam uma carta, como é possível? É importante que se receba uma carta, mesmo que seja das finanças, é um objeto que podemos guardar, rasgar, cheirar. Mesmo nas finanças, a folha de papel que é a carta tem uma proteção especial, como se fosse um escudo, daí que possa dar a sensação que não tem defeitos, como um ser perfeito e amoroso. A carta pode ser tudo isto, seguir um caminho de liberdade, dar educação e escolha a cada ser humano: “Tudo o que a instrução pode fazer é tornar a

liberdade possível” (2000. P. 66), no fundo a carta pode conter em si, esta capacidade de fazer pensar, como Weil expressa em relação à liberdade:

(...) levar aqueles que educamos a pensar por sua conta nos dois sentidos que esta expressão possui: por sua própria conta, porque terão de ser eles a construir o seu próprio pensamento, e porque, para eles, pensar deve ter um sentido e não apenas construir um valor comercializável. (2000, p. 67)

Mais um objeto que se pode trazer para esta dissertação, cartas em música, tantas que há, tão bonitas e especiais, como esta escrita por Vinícius de Moraes (1974) e composta por Toquinho:

Rua Nascimento Silva, 107  
Você ensinando para Elizete  
As canções de canção do amor demais  
Lembra que tempo feliz  
Ah! Que saudade  
Ipanema era só felicidade  
Era como se o amor doesse em paz  
Nossa famosa garota nem sabia  
A que ponto a cidade turvaria  
Esse Rio de amor que se perdeu  
Mesmo a tristeza da gente era mais bela  
E um cantinho de céu e o Redentor  
É, meu amigo, só resta uma certeza  
É preciso acabar com essa tristeza  
É preciso inventar um novo amor  
Rua Nascimento Silva, 107  
Eu saio correndo do pivete  
Tentando alcançar o elevador  
Minha janela não passa  
De um quadrado  
A gente só vê cimento armado  
Onde antes se via o Redentor

É, meu amigo, só resta uma certeza  
Além disso se via da janela  
É preciso acabar com a natureza  
É melhor lotear o nosso amor

Sim, a graça, a magia, a capacidade de uma carta que foi escrita por alguém, mas depois lida (ouvida), por tantos outros e ainda agora atual, política, crítica e importante, um objeto a ter em conta na evolução do universo. Estes objetos, cartas, que Paulo Freire, conterrâneo de Vinícius de Moraes, tanto escreveu para educar, ensinar e descobrir incertezas na sua maneira de ensinar. Este professor que escreveu, além de tantas outras, ainda uma carta aos professores, para os ajudar a entender como o coração deve ter uma capacidade ensinante e além disso deve-se também querer ser professor. Esta profissão tem que estar sempre em formação, sempre a aprender também, saber comunicar com o que se lê, para melhor absorver estas leituras: “Estudar é desocultar, é ganhar a *compreensão* mais exata do objeto, é perceber suas relações com outros objetos. Implica que o estudioso, sujeito do estudo, se arrisque, se aventure, sem o que não cria nem recria.” (2001, p. 264). Confirma Rancière (1991), todos têm a capacidade de aprender, é preciso insistir, sem desistir, faz pensar os professores, obriga-os a refletir em que momento intelectual é que estarão, o que ainda têm que estudar para conseguirem mesmo ser professores, quais as capacidades de compreender o que se lê e como se passa isso para quem está a aprender. Há sempre uma relação entre o que se lê e o que se escreve, como também Jorge do Ó confirma. E aqui voltamos à estaca da ligação, estes autores confirmam-se uns aos outros e confirmam os pensamentos de quem os lê, somos programados para aprender, todos confirmam!

## **PORQUE É CONSIDERADO PEDAGÓGICO**

Na verdade aquilo que se pretende objetivar, com este trabalho, é que qualquer carta é, ou pode vir a ser, pedagógica. Que, muito embora não tenha sido escrita com esse intuito em sentido estrito, pode ser lida desta forma. Sabemos que a pedagogia do amor, da liberdade e da autonomia nasceu com Rousseau (1762). Grandes pedagogos foram buscar os alguns dos seus pensamentos a este pai da educação e uma carta tem essa pedagogia implementada por estes pensadores. O carácter pedagógico, porém, tem sobretudo a ver com o destinatário, como aconselha Rilke ao seu pupilo: “(...) ser-se corajoso face ao mais estranho, ao mais extravagante, ao mais inexplicável que possa suceder-nos.” (2020, p. 88) Sim, a coragem é o ingrediente mais importante, para a pedagogia e para a vida em geral.

Posso sentir?

Sinto que a pedagogia nas cartas se torna mais universal, educa, ajuda, consola, “pedagogiza”, faz conhecer o mundo e a humanidade. A pedagogia tem um sentido mais abrangente do que só relativo a escolas, professores ou relações de mestres. Insisto que não tem hierarquia, há antes uma relação mais próxima, mais cuidada, daí que a pedagogia tenha outra grandeza, outra, quase que dá vontade de dizer, universal, uma natureza quase paralela, de tal maneira sinto que a pedagogia pode alcançar numa carta. Já em grandes navegações, quase que se diria que é possível construir uma nova ciência só para as cartas e como elas são especiais, sejam de amor, conselhos, amizade, ensino, as cartas ficam, ficam connosco, fazem companhia, ficam!

Também o toque da carta pode criar emoções, o lado físico que a carta tem, que o objeto tem. Como é que se explica que é tão bom gostar de cartas? Como é que se explica que as cartas fazem crescer, que aprender faz continuar a querer escrever e ler mais cartas? Que escrever e ler cartas deixa o ser humano cheio de felicidade? Se fosse uma carta, qual escolheria? Ou se fosse um escritor de cartas? Ou um pedagogo? Como se transforma uma carta em pedagogia, educação, saber, formação? O que poderá fazer sentir depois de transformados? Como se transforma uma carta em gosto?

Posso gostar?

É possível fazer perguntas até nos cansarmos, pois Deleuze e Guattari (1964) fazem-nas no seu *Mil Platôs*, sem parar, talvez como uma maneira de pensar ou refletir. Gosto ainda mais de memórias, o gosto é muito importante para a pedagogia (Immordino-Yang & Damásio, 2007), e isso existe no objeto carta, há gosto em escrever, em comunicar, em partilhar, há gosto em sentir. A carta sente-se, tem que se sentir, se não não seria escrita, tal como a arte e a pedagogia também. Os sentidos e as emoções são muito marcantes, o incrível destas cartas é que elas se sentem, em quase todos os sentidos, como já tinha referido, inclusive mexem significativamente com as emoções. As cartas são emocionantes! Séneca diz: “Indico aos outros o caminho justo, que eu próprio só tarde encontrei, cansado de atalhos” (2004, p. 19), há emoção permanente nestas cartas ancestrais. E a emoção latente nestas duas figuras, é bastante notória, em que Séneca lê cartas a Nero, um adolescente Imperador.



Figura 5. Nero e Séneca, do escultor Barrón (1904) – <https://commons.wikimedia.org>

Como conseguimos ligar umas às outras é também por estas emoções, estas ligações que ligam, como teias, como rendas. Ligamos as cartas pelas suas capacidades,

capacidades cognitivas, emotivas, pedagógicas, de certeza que se mais pais, mães, filhos, mais professores, alunos e amigos escrevessem mais cartas uns aos outros haveria mais relações saudáveis, mais capacidade de sentir, perceber, crescer, avançar.

É neste período, fim do século XIX, princípio do século XX, que são escritas as cartas, onde se nota, talvez de uma forma mais tardia em Portugal, e por força também dessa domesticidade, a importância que a infância começa a ter no seio das famílias deste círculo. As crianças, o seu tempo, as suas atividades ganham uma importância acrescida. O mundo dos adultos volta o seu olhar para os mais pequenos, ocupando o seu tempo com brincadeiras, dispensado durante o dia, horas de atenção, em tarefas lúdicas, académicas ou de puro lazer. As crianças são quase sempre assunto nas cartas que trocam entre si. Por isso, o professor de arte tem um desabafo nos seus diários, numa noite de Natal, numa preocupação confessada e também este pedagogo escritor o confessa:

O mesmo desejo de integrar, de unir, que caracteriza os intelectuais da minha geração. É uma esperança de homens com filhos que nos obriga, mais do que apenas confiar no amanhã, a criar o sentido duma integração esclarecedora e de horizontes pacíficos. (Almeida, 2009 [1829], p.30)

Cada carta é única, são atípicas, cada carta tem sempre um recado qualquer especial, uma mensagem, são exclamativas, esdrúxulas! Quase que se podia transformar o modo carta em religião, porque muda as pessoas dá fé, transforma, leva-nos a viajar, a sonhar. A carta acredita no amor: “Claro que a mãe não teria conseguido suportar tudo isso se não tivesse ido buscar ao amor por todos nós, e à felicidade que lhe dava esse amor a força necessária.” (Kafka, 2004, p.36), as cartas são crentes, creem que fazem a diferença quando são escritas, uma diferença, a diferença! Há aqui uma fé cega, porque elas conseguem sempre marcar o seu tempo, quando aparecem ficam para a história, como lacre. As cartas gritam, choram, sussurram, defendem, protegem, tudo isso em cuidado permanente, sempre com atenção, são inclusivas, aceitam o ser humano como ele é e sem máscaras, como Jesus fazia, sem interferências, podemos escrever/dizer tudo numa carta! A carta pode ser intensa, leve, bastante querida, amorosa! Como esta passagem da carta do Papa Francisco aos jovens:

Um mundo melhor constrói-se também graças a vós, ao vosso desejo de mudança e à vossa generosidade. Não tenhais medo de ouvir o Espírito que vos

sugere escolhas audazes, não hesiteis quando a consciência vos pedir que arrisqueis para seguir o Mestre. (Bergoglio, 2017)

Como é que as cartas familiares podem ser pedagógicas? Esta carta do Papa é completamente familiar e completamente pedagógica, consegue ser as duas, na sua amorosidade imensa. Como São Tomás de Aquino consegue ser tão próximo ao escrever a um estudante, diz que deve começar pelo simples, que deve ser sempre amável e ordena: “Segue as pisadas deixadas pelos melhores. Arquiva na tua memória todo o bem que oíças ou vejas.” Antigamente eram chamadas epístolas, porque realmente tinham essa conotação familiar e próxima, de conselhos, de ajuda, de apoio. Há uma horizontalidade nas cartas, inegável, pois favorece as conversas, o que não acontece numa sala de aula, (Amador e Barros, 2011, p. 18). Até num texto de Costa, Marques-Silva e Axt (2014), quando os três tentam escrever uma carta a Foucault, que a conversa numa carta é completamente informal, pode até ser considerada uma carta utopia. São objetos quotidianos, como fala Cordova (2016, p. 212) no seu estudo sobre cadernos e cartas de aula:

Assim, as escritas cotidianas e ordinárias encontradas nos cadernos escolares são indícios que contribuem para a compreensão da pluralidade de redes tecidas entre alunos e escola, marcadas pela singularidade de cada um no uso desse objeto, o que permite refletir acerca dos possíveis usos e significados.

Foi um objeto utilizado como bengala em vários momentos da história do mundo, para comunicar o que estava a acontecer, como se devia continuar, como se devia proceder em determinados momentos da vida de cada ser humano e em diversos momentos da vida de países, de cidades, de famílias. Daí esta extrema importância das cartas familiares para o crescimento de quem lê e quem herda 100 anos mais tarde! É um crescimento espiritual? É um crescimento pedagógico? Como se encaixa a família na pedagogia? Crescemos forçosamente com a família, mesmo quando é bastante ausente, aprendemos mesmo com as ausências, podem não aprender o que seria ideal, mas aprendemos. O que é o ideal para aprender em família? O que pode ser considerado pedagogia familiar? Parece-me que os valores são muito importantes! São imprescindíveis, só a escola não salva o ser humano, para ser humano precisamos mesmo da parte de casa, da família ou de um mestre conselheiro, como Almeida

Garrett: “Disse, e não me canso de repetir que a educação física, a moral e a intelectual são conexas e inseparáveis. Mas pela ordem natural da divisão, segue a do coração à do corpo.” (Garrett, 2009 [1829], p.111).

Quase que é possível dizer que as cartas nos tornam mais humanos, será? Acho que nos tornamos mais autônomos, mais livres! As cartas têm sido usadas ao longo dos anos como elementos importantes, esta importância deve continuar, pode-se de alguma maneira dar sentido a este objeto, porque faz sentido. Porque nos aproxima, porque nos afasta, porque nos educa e nos ajuda a crescer e a continuar. As cartas têm esta possibilidade de resposta, é possível responder a uma carta, em vez de corrigir, a correção é antipedagógica, deixa quem escreveu debilitado, sem autoestima, a resposta dá alento, dá ânimo, alegria e faz crescer o amor-próprio e o amor ao outro. É plausível caiba em cadernos escolares de Tania Cordova a carta e assim unir esta definição: “Os cadernos escolares são vestígios das construções culturais, são objetos, passíveis de serem entendidos para além da materialidade, uma vez que os praticantes da vida escolar deixam, neste suporte, as marcas escritas nas linhas e nas entrelinhas.” (2016, p. 223)

A carta é uma marca, deixa marcas, pinta, simboliza, até pode deixar cicatrizes, assinala, faz rugas, é mesmo um objeto marcante, notável, ilustre, distinto até. Uma carta é instrutiva e narrativa, porque segundo Ivor Goodson (2007) afirma que se deve inovar e arriscar, para que a educação se altere, tendo em conta que o ensino está caducado de alguma maneira, com narrativas sobre a vida e o dia-a-dia, é possível esta alteração, pensado que uma carta pode ser uma narrativa: “Os velhos padrões de desenvolvimento e de estudos do currículo são totalmente inadequados para a nova sociedade de riscos, instabilidades e rápidas mudanças na qual vivemos, pois ainda estão presos à aprendizagem primária e prescritiva” (2007, p. 241). O encanto que é uma carta, o entusiasmo que à medida que a vamos lendo e vamos apreendendo tudo, absorvemos cada momento, cada sentimento, tudo à volta é sensitivo. Pode ser transformadora, pode salvar o ser humano, uma forma de mudança, de alteração social.

Queremos criar curiosidade, criar gosto, criar emoções e relações com a matéria, com o mundo à nossa volta, com a vida! Porque a carta está forçosamente ligada à vida, o processo criativo pode passar pela escrita de cartas como um olhar de novo, ver

diferente, pensar outra vez e tornar a olhar. Queremos que o ser humano seja capaz de continuar a querer saber sempre mais, que alguém antes ou depois de escrever ou ler uma carta continue a procurar saber, saber para conseguir criar a curiosidade no outro, em nós e diariamente. Ter a capacidade de estar sempre atento ao sentir do saber, criar a necessidade de querer saber uma ciência ou querer adquirir um conhecimento ou simplesmente querer saber, porque o interesse é infinito, criar essa possibilidade de falar com os outros sobre o que nos interessa para conseguir que a necessidade do saber esteja sempre a crescer e nunca desistir, porque sabemos que há sempre mais alguma coisa para saber! Como afirma Isabel Seara aquando do estudo sobre forma epistolar:

Escrever uma carta é situar-se num nível intelectual (porque exige reflexão), afectivo (porque partilha a intimidade) e moral (porque obriga a implicação). O poder heurístico da forma epistolar reside nesta tríplice explicação. *A contrário*, não escrever, qualquer que seja a causa, prática (porque o tempo escasseia), intelectual (porque o talento é avaro), afectivo (porque o coração o impede) ou moral (porque carece de coragem), é recusar envolver-se na intimidade e na implicação. (2008, p. 14)

Há tanto para saber, que muitas vezes sabemos sem saber, porque na verdade ficamos a saber muito facilmente, principalmente quando há assuntos que são levantados por acaso que nos ajudam a saber, como comenta Leonardo Charréu no seu texto sobre o espetáculo *Art* (2016, p. 189). E como de alguma maneira isso é tão intrínseco numa carta. Quase que se pode considerar uma carta como uma pedagogia moderna, em que o seu único interesse é tornar o aluno autónomo, com interesse pelo conhecimento, que se desenvolva, a carta consegue avaliar a diferença de cada um, mas ao mesmo tempo ligá-los e torná-los livres.

A emoção que é investigar um assunto que para nós é importante, como isso nos leva a buscar sempre mais, deve ser aquela necessidade de querer saber que fala Ortega Y Gasset (1928), aquela necessidade de inventar uma ciência e ao mesmo tempo o diálogo permanente entre saberes e sabedores, que Jorge Ramos do Ó tanto comenta nas suas aulas e que aumenta o gosto e a possibilidade do saber. Por isso Goodson (2007) fala em salvar os alunos e as inteligências, escrevendo cartas-narrativas conseguimos guiar o

mundo de uma outra forma, sabendo que o modo narrativo é o mais antigo modelo na passagem de valores e na educação de caráter:

No novo futuro social, devemos esperar que o currículo se comprometa com as missões, paixões e propósitos que as pessoas articulam em suas vidas. (...) Passar da aprendizagem narrativa e terciária poderia transformar nossas instituições educacionais e fazê-las cumprir sua antiga promessa de ajudar a mudar o futuro social de seus alunos. (2007, p. 251)

É possível dizer que a carta é lúdica e ao mesmo tempo tem a capacidade de fazer fluir a imaginação e a criatividade, pode ser uma brincadeira, que a torna mais atrativa. Faz crescer a cooperação entre pares, enriquece as relações humanas, faz aumentar a autoestima, faz pensar e como não há avaliação, não há pressão em relação ao resultado, pode-se ser honesto. E aumenta a produtividade, daí ser pedagógico, é perfeito, é mesmo importante e fundamental que exista nas escolas como disciplina curricular corrente, escrever cartas pedagógicas. Com esta capacidade poder-se-ia dar ao aluno uma possibilidade de ver o seu valor, sem avaliações ou preconceitos em relação ao conhecimento, como insiste José Morgado nessa importância premente na educação:

(...) Valorização da cultura do aluno, das suas competências e experiência, de forma a que o ineditismo de algumas tarefas seja amortecido pela mobilização de algo que é seu e vê valorizado. Por outro lado, do ponto de vista do aluno será sempre mais interessante ver valorizado os seus sucessos do que ser sistematicamente confrontado com os erros ou fracassos. (1999, p. 33)

Tem forçosamente que haver um amor intenso, assim tudo se resolve, tudo é possível, tudo se aprende e o imenso gosto aparece como que por magia, porque o amor é essencial: “Se não amo o mundo, se não amo a vida, se não amo os homens, não me é possível o diálogo” (Freire, 1987, p. 45). A carta cria uma relação pedagógica de confiança mútua, que deixa o ser humano criar e aprender também com o corpo, sem recados ou instruções, só matéria para avançarem sozinhos. A carta clarifica e facilita, a sabedoria coletiva é muito maior, por isso o amor intenso faz a pedagogia de uma carta ficar mais pedagógica. Não se pode negar a realidade de serem humanos, terem sentido crítico e de avaliação e terem um pensamento criativo.

Diria mesmo que as cartas funcionam como uma educação integral, como um processo educativo que pensa o ser humano em todas as suas dimensões: cognitiva, estética, ética, física, social, afetiva. Onde se pode sentir em quase todas as cartas, é possível alcançar esta dimensão universal e abrangente. Uma educação que possibilita a formação integral do ser humano em todos os seus aspetos. Reconhece a pessoa como um todo, “para educar uma criança é preciso uma aldeia inteira”, a carta pode ser uma aldeia inteira.

Diz-se pedagógicas, porque ensinam agora todos os acontecimentos da época, história de uma sociedade, história da história, o que lhes ensinavam na altura, o que era importante aprender naquela altura, e uma maneira muito simples de ensinar e aprender era escreverem cartas uns aos outros. São inegavelmente pedagógicas, porque ligam lugares, ligam épocas, ligam personalidades, ligam tempos, épocas e sociedades. Esta ligação no tempo e no espaço ensina, educa e explica muitas vezes mais que qualquer manual, “É por um lado, uma bela página de História contemporânea, e, por outro, uma preciosa colecção epistolar que diz respeito a personalidades do primeiro plano da sociedade portuguesa de 1900” (Beirão, 1958, p. XIII, in *Nossa Junqueira I*)

São cartas de família durante várias gerações, não tanto como a família Van Gogh (1890), que só temos conhecimento das cartas na geração de Vincent e Theodor, mas assim mesmo se percebe como contam e comentam partes de acontecimentos históricos que se foram passando. Na *Nossa Junqueira I* é bastante explícito a construção do caminho-de-ferro no Alentejo, onde se iam construir as estações e por onde passariam as linhas do comboio. Até contavam os tremores de terra, qualquer acontecimento banal era motivo de escrita e de conversa, cheia de emoções. Contam, em sofrimento o regicídio e depois a implantação da República que leva ao exílio a alguns irmãos, o que torna a troca de cartas mais intensa e por isso mais histórias e inclusive histórias com quem partilhavam o exílio. A primeira e a segunda guerra, também contadas em momentos mais ou menos fugazes. São emoções permanentes, partilhadas entre todos e irrepetíveis e só com estas cartas é possível ter a capacidade de analisar e apreciar com cuidado e tempo, daí mais uma vez esta capacidade pedagógica.

*A Nossa Junqueira* fala nos preços, como se passavam as compras, o que custava o quê, são momentos em que se percebe como era o nível de vida e o que era essencial, uma

outra aprendizagem. Também se aprende nestas cartas da Junqueira como se exprimiam as emoções, conhecemos como eram as relações, como eram tão amigos, tão chegados, tinham sempre imensas saudades de toda a família e sonhavam sempre quando poderiam estar de novo todos juntos na rua da Junqueira, a casa familiar. Engraçado, como também Van Gogh (1890) era tão emotivo nas cartas ao seu irmão Theo, era um artista incrível, claro, mas as emoções expressas, parecem-me de ser humano, além das descrições de artista, que também as há na Junqueira.

A carta consegue influenciar uma relação, no sentido em que marca o destinatário, cria laços, uma afetividade que torna a relação mais eficaz, esta afetividade pedagógica que transforma tudo, a compreensão eterna, esta afetividade que indica proteção e cuidado, “um poder e uma delicadeza” (Postic, 1992, p. 184) ao mesmo tempo, que faz a diferença, porque está tatuado na carta este amor e este gosto pelo ser humano. Com estas relações especiais a carta deve ter a “capacidade de combater a exclusão” (Morgado, 1999, p. 10). Ainda hoje as relações entre mestres e pupilos estão à partida, queimadas por causa desta hierarquia permanente, onde este escrito expõe este conflito de interesses:

Tem-se frequentemente posto em relevo a natureza conflitual da relação pedagógica. Mas talvez não se tenha analisado suficientemente a origem e o sentido do conflito. Tem-se evocado, é certo, a posição dominante do mestre, o poder que ele detém graças ao saber. (Postic, 1992, p. 182)

Qual saber? Todos sabem! Freire afirma sem hesitar: “Não há ignorantes absolutos, nem sábios absolutos: há homens que, em comunhão, buscam sempre mais.” (1987, p. 46). Muito bom, é mesmo assim, todos os pensadores se confirmam uns aos outros! É forçoso insistir numa nova disciplina, a disciplina das cartas, onde se pode criar uma relação pedagógica mais forte e intensa, o saber, a inteligência, segundo Ranciére, que concorda com o pedagogo brasileiro, está sempre em cada um, a hierarquia deve ser apagada, porque todos sabem alguma coisa, todos podem aprender, todos têm a capacidade de se explicarem a si próprios uma matéria que lhes interesse: “Antes de ser o acto do pedagogo, a explicação é o mito da pedagogia, a parábola de um mundo dividido em espíritos sábios e espíritos ignorantes, espíritos maduros e imaturos, capazes e incapazes, inteligentes e bobos.” (2002, p. 20)

Fazendo uma nova disciplina poder-se-ia tornar a carta como uma referência, como propõe Lígia Penim, para uma alteração total em relação ao ensino da arte. Mais uma vez se percebe que também aqui a carta se encaixa com clareza: “(...) bem como a transformação das disciplinas em referências instrumentais para atingir certos objectivos educativos: desenvolver a capacidade de pensar, de comunicar, de resolver problemas de trabalhar em equipa, de estabelecer relações sociais, etc.” (2003, p. 12) A carta desenvolve a capacidade de pensar, de comunicar, de resolver conflitos, de melhorar relações sociais, incrível como se adequa perfeitamente, ainda Penim, como se consegue incluir as cartas, que são muitas vezes discursos intensos, “Os discursos são, eles mesmos, não só produtos culturais, mas práticas construtoras de realidades sociais, porque portadoras de sentidos que provocam efeitos.” (2003, p. 23)

Com estes discursos, encontra Hegel (1809) uma maneira de confrontar a sua sociedade com os pensamentos que o preocupavam e que partilhava, numa permanente coerência com os seus alunos e pais, todos os anos, aquando da sua função de Reitor do “Ginásio”. Exige, que os alunos sejam aplicados, mas que pensem por eles próprios e sejam livres, que o Estado seja responsável, pois a escola funciona para servir o Estado, Hegel sente que há uma aplicabilidade do conhecimento, tem uma utilidade imediata e para alguma coisa: “Um homem culto em geral na realidade não limitou a sua natureza a algo de particular, mas, pelo contrário, torno-a apta para tudo.” (Hegel, 1994, p. 44). As cartas conseguem também concordar com este importante filósofo, são de uma utilidade prática imensa, pode imediatamente ser sentido o conhecimento, aplicado e utilizado no momento. Mas a verdade é que Hegel nunca escreveu nada sobre pedagogia, mas era fascinado por Rousseau (1762) e um pedagogo de peso na sociedade do seu tempo, como afirma Marques:

Hegel não dedicou qualquer obra à pedagogia e à educação, embora numa carta ao seu amigo Niethammer, datada de 9/6/1821, tenha afirmado o seu interesse em escrever um livro sobre a Pedagogia Política. (...) Embora o estudo da pedagogia não tenha sido um campo a que tivesse dedicado o seu talento intelectual, é possível conhecer as suas ideias sobre a educação, graças aos discursos proferidos durante os oito anos em que foi reitor do Liceu de Nuremberga. (2002, p. 53)

Harmonia, uma palavra tão especial, e uma palavra que define a carta como objeto pedagógico, porque uma carta familiar é harmonia e a pedagogia no seu melhor é harmonia, daí que seja uma definição tão fiel. Uma carta familiar tem amor – sempre um ingrediente essencial para que a pedagogia funcione, como já se disse foi confirmado e escrito por Rousseau (1762), Pestalozzi (1781), Agostinho da Silva (1945). Dirá também quem já escreveu ou leu cartas privadas, qualquer educador ou educando, essa diferença é sentida quando numa carta ou sala de aula há amor, quando se sente esse amor, amor dado pelo mestre, pelo pai, pelo pedagogo. Ao sentir esse amor, cresce imediatamente um amor imenso pelo que se aprende, amor pelo que se passa à volta, pelo que acontece no dia-a-dia. Também em Séneca se sente este amor por Lucílio. Como quando Almeida Garrett tenta educar a futura rainha nas suas cartas, explica que este amor tem que ser transmitido à educanda, para que depois o possa sentir pelos seus súbditos, tanto funcionou, que foi a rainha “educadora”. E Rousseau (1762), quase o rei do amor, com tanto gosto com que fala nisso no seu “Emílio”. Savater (1991), também na sua carta *Ética a um jovem*, explica com tanto amor e paciência como podemos e devemos crescer em paz. Realmente uma carta tem essa carga imensa de amor, em que consegue, por esse amor, ser tão pedagógica, tão educadora, tão feliz!

Nas aulas da Professora Ana Sousa, quando falava em escrevermos cartas e como isso iria fazer a diferença, foi-se solidificando a certeza de ser um objeto muito importante, a favor da pedagogia, “leva os alunos (...) a aproximarem-se entre si, partilhando não só as cartas, mas as memórias de outras experiências, que contribuem para a edificação das suas identidades enquanto docentes.” (2016, p.136).

## O QUE AS LIGA (às cartas)

Uma carta

Dias cheios de horas

Horas melhores que outras, com gosto

Gosto de gostar, de estar, de sentir, voar

Voar e gostar, saber apreciar bocadinhos de céu na terra

Terra cheia de céu, de gosto, de paz!

Paz com gosto de estar, ser

Ser, ver, querer, gostar

Gostar, viver

Em relação ao estilo de escrita, Fabiana Sena (2015), comenta a importância que tem investigar as mentalidades de cada época, para que a análise de cada carta seja mais honesta e séria, e tem razão. Aqui consegue-se confirmar que mesmo tendo em conta a espécie diferente de cada carta, o afeto é o elemento principal e eleito, a confirmação desta ligação inabalável entre as cartas familiares e pedagógicas, que no fundo são as mesmas. Pode haver dúvidas em relação a estas ligações. Como se liga *A Nossa Junqueira* a todas estas cartas? Depois vai-se percebendo com atenção e cuidado, que se, ligam, ligam demasiadas vezes, de demasiadas maneiras e sempre durante o atravessar dos tempos, como nos conta com firmeza e completa atualidade, Irene Vallejo no seu *Manifesto da Leitura*:

Atravessamos tempos de crise, de mudança, de incertezas. E é precisamente nestas encruzilhadas que precisamos de prestar atenção aos livros [às cartas], às linhas que nos chegam do passado: nada do que vivemos acontece pela primeira vez. Na memória da escrita encontramos as marcas da experiência humana, que sobreviveram muitas vezes a secas, fome, pestes, traumas e guerras. (2021, p. 53)

Mais uma vez, é possível ligar as cartas, como esta carta escrita por Kafka ao pai, que nunca chegou a entregar, a tentar explicar a relação que nunca tiveram, a relação que tanto dificultou a vida aos dois e à família em geral, faz pensar se será o escritor fiteiro ou exagerado, como ele próprio se classifica, mas a carta é incrível, todos deveriam lê-la! Este trecho poderá dar um exemplo destas emoções:

Tens, acho eu, talento de educador; através da educação podias certamente ter servido a alguém do teu género; essa pessoa teria compreendido a sensatez daquilo que lhe disseses, não se teria preocupado com mais nada e teria levado as coisas calmamente. (Kafka, 2004, p. 18)

Imensos complexos ou são desculpas para não avançar na vida, não se percebe. Aponta muitas vezes as palavras educação e pedagogia. Kafka, uma pessoa que escreveu livros intemporais, contou nesta carta ao pai que sentia a sua vida um fracasso. O que pode um influenciador fazer numa pessoa, num filho, o que poderia ter sido se tivesse sido tratado de outra maneira? Sim, cartas de família são forçosamente pedagógicas, são experiência de vida, marcadas pelos mais diversos tipos de acontecimentos, como este filósofo tenta expor:

Porque educar é acreditar na perfectibilidade humana, na capacidade inata de aprender e no desejo de saber que anima, acreditar que existem coisas (símbolos, técnicas, valores, memórias, factos...) que podem ser sabidos e que merecem sê-lo, que nós, homens, podemos melhorar-nos uns aos outros através do conhecimento. (Savater, 1997, p. 20).

Este filósofo espanhol, nosso contemporâneo, tem também uma capacidade de unir e fazer lógica nos seus pensamentos, que ajuda mais uma vez a colar tudo isto. Como se liga a todos estes pedagogos e pensadores e escritores de todos os tempos, com tanto gosto e tão admiráveis que tanto gozo dá descobri-los? A ligação é feita pela inevitabilidade dos acontecimentos históricos e como ao longo do tempo, se foi provando na publicação de inúmeras edições, em vários países do mundo (Portugal menos), demonstrando os acontecimentos da história de notáveis e menos notáveis personagens que atravessaram os tempos. “A educação surge assim como uma questão de oportunidade.” (Weil, 2000, p. 61) Pode-se construir histórias, a história da vida de cada um, da escola de cada um, com cartas.

Uma carta escrita por um pai a um filho que está a trabalhar a 300 quilómetros de distância, escreve a dar conselhos ao filho ou aos filhos, a mãe que os está a educar sozinha nem sempre consegue explicar algumas coisas, uma carta vinda de longe com alguns conselhos, tem logo outro impacto, acaba muitas vezes por funcionar com mais peso, sendo uma carta um objeto leve, leve em peso e leve em capacidade de comunicar. Comunicamos com muito mais leveza, com alegria e dá prazer escrever e ler, uma carta

é tão simpática, tão querida e amável. Rosário da Conceição, na análise das cartas de Garrett afirma: “apesar de conter informações pessoais, se destinam a leitura de outra pessoa, e que possui meios de compreender o que lá vem escrito, e que poderá ser incompreensível ou desinteressante para outros leitores.” (2011, p. 256). É sempre muito interessante e muito pedagógico, além de que é sempre agradável ler estas histórias familiares e de época, tal como insiste Conceição. Como também insiste nesta competência que as cartas têm de tentar saber onde foram escritas, como, que tipo de papel e tinta, tinham objetivos específicos quando eram escritas, que vocabulário utilizavam e como era a caligrafia e o modo de escrever. Já devem ter passado vários acordos ortográficos entretanto. Tudo isto são temas de aprendizagem, tudo isto confirma a imensidão de perspectivas que uma carta tem de ser pedagógica, como se ligam, independentemente de ser privada ou pública. As cartas são fontes abundantes de informação.

A carta pode propor uma livre experimentação e um livre questionamento, escrevemos cartas para o outro, mas a carta é também para o autor, como sempre querido e educado e humilde e afirma que a crítica afasta a obra de arte, onde se exprime e aconselha o seu pupilo:

(...) pergunte a si mesmo na hora mais silenciosa da sua noite: preciso de escrever? (...) então construa a sua vida de acordo com essa necessidade; (...) De seguida, aproxima-se da natureza. Procure, como o primeiro homem, dizer o que vê e experimenta e ama e perde. (Rilke, 2020, p.15).

A carta consegue formar pessoas que escrevem e gostem de escrever e que criem esse gosto. Só escrevendo é se consegue perceber e conceber o já produzido, escrevendo criativamente é possível ler o que já está escrito muito mais facilmente. Então devemos escrever mais comedidamente, com menos emoções à flor da pele. Como é que se é criativo sem emoção? Onde está a escrita pedagógica sem emoção? A emoção faz parte do ser humano em todos os momentos da sua vida, escrever sem emoção, com fundamento, em diálogo permanente com eruditos, estudiosos e investigadores! Um diálogo infinito, mas sem emoções! Não sei se sou capaz!

Todo o ser humano tem algum tipo de conhecimento, partilhar esse conhecimento demonstra a capacidade de inteligência de cada um, pois ao partilhar o conhecimento passamos também a conhecer o que o outro conhece, assim saber gera mais saber e este saber puxa a curiosidade e a criatividade, que nos torna em seres sociais e culturais. Como comenta Ivan Illich, este autor fundamental sobre comunidades e como na sua *Sociedade sem Escolas*, consegue incluir as cartas (sem saber), nesta comunidade imensa que é a pedagogia e como prova com os seus pensamentos como uma comunidade ensina bem mais que qualquer escola:

(...) capacitar a todos os que queiram partilhar o que sabem a encontrar os que queiram aprender algo deles e, finalmente, dar oportunidade a todos os que queiram tornar público um assunto a que tenham possibilidade de que seu desafio seja conhecido. (1985, p. 86)

As cartas abarcam esta partilha, conseguem encontrar quem queira aprender com toda a facilidade e dão sem dúvida uma oportunidade a tornar público um tema importante, pois não foi com cartas que Freire publicou a maior parte do seu trabalho. Assim como já Freinet (1920), com as suas cartas e a imprensa, tinha insistido e conseguido, de alguma maneira, que uma nova pedagogia surgisse a partir daí, é possível mais uma vez ligar a pedagogia às cartas. Assim como também Alberto Manzi (1950), logo no seu primeiro ano de ensino conseguiu que os alunos de uma prisão de menores, aprendessem a escrever, escrevendo cartas, onde contavam o que gostavam e não gostavam, fez depois um jornal desse conjunto de cartas, ligamos forçosamente a pedagogia às cartas.

É incrível ver esta ligação permanente, este diálogo incansável, esta partilha eterna como explica Paulo Freire nas suas cartas pedagógicas, “Cartas pedagógicas em que eu fosse tratando problemas, destacados ou ocultos, nas relações com filhas e filhos ou alunas e alunos na experiência do dia-a-dia.” (2000, p. 16). A ligação que se sente também nestas cartas, pedagógicas e familiares e narrativas, são de alguma forma o belo, são todas muito bonitas, como esta de Paulo Freire:

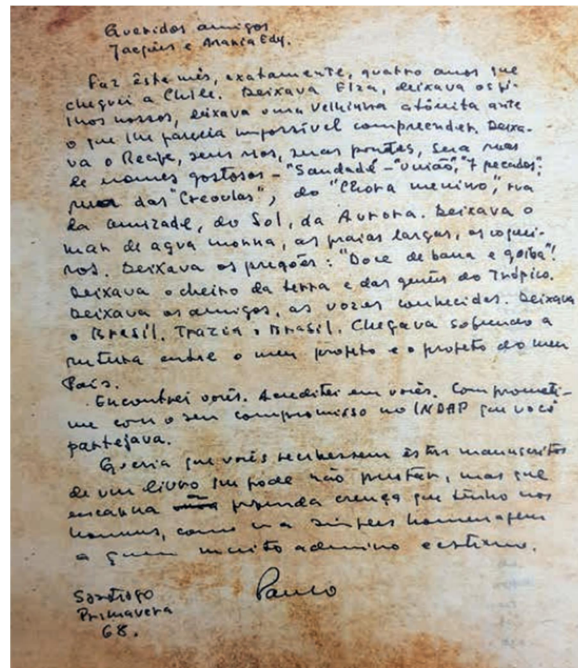


Figura 6. Contracapa da obra *Pedagogia do Oprimido*: o manuscrito - <https://retratosdaescola.emnuvens.com.br>

E perguntamos então, há alguma utilidade prática na carta? Sim, tem que haver, porque na verdade a carta muda, muda o pensamento, muda o movimento das sociedades e dos tempos, muda a história! Esta mudança pode de alguma maneira ajudar a aumentar a capacidade de cada um, a viver estas vidas, cada vez mais distantes, cada vez mais diferentes. Para ser capaz de criar autonomia, autonomia de recursos, autonomia de pensamentos, porque escrever cartas ou talvez “pedagogizar” através de cartas, deve ter essa utilidade prática! O Papa Francisco consegue escrever com amor, suavidade e muita pedagogia, quando afirma falar com os jovens: “Eu quis que vós estivesseis no centro da atenção, porque vos trago no coração.” (Bergoglio, 2017). Com caridade diz que “Deus tem um olhar amoroso” para tomar todos os jovens pela mão e guiá-los para a alegria, escreve ainda que os jovens se podem lançar no futuro desconhecido, porque isso os vai ensinar a partir, partir de casa, do conforto, do conhecido, como isso é importante para crescer, como é pedagogicamente emocionante. No fundo consegue provocá-los, aos jovens, para que sejam corajosos, mas de uma maneira muito carinhosa e paternal e perceptível. A autonomia poderá vir de sermos capazes de dar liberdade, retirando a autoridade de todos os nossos atos. Pois esta autoridade é uma forma de retirar a autoconfiança, bloqueia a criatividade e a imaginação e também diminui drasticamente a capacidade de adaptação ao meio, e claro, retira ou não chega a dar autonomia.

Assim se vê como a preocupação desta família era também manter os filhos próximos e educados, tal como qualquer pedagogo ou mestre faz para manter o seu pupilo atento às lições, fazer com que os leitores vivessem melhor para que o seu trabalho continuasse. Como expõe Rilke, sempre pedagógico, com todo o cuidado ajudando no crescimento:

(...) descreva as suas tristezas e desejos, o pensamentos passageiros e a crença em uma qualquer beleza-descreva tudo isso com uma sinceridade íntima, serena, paciente e utilize, para se expressar, as coisas do seu ambiente, as imagens dos seus sonhos e os objetos da sua lembrança. (2020, p. 16)

Com estas escolhas se via que a sua linguagem de gosto e de culto era também uma capacidade humana muito importante. Era de facto educado para o belo, esta descrição consegue explicar como este poeta era realmente um erudito da arte e tinha uma capacidade de análise muito especial, olhava para a vida, para os livros e para as obras e conseguia imediatamente ou instintivamente perceber o que era bom!

As línguas em que são escritas as cartas também as ligam, quando se pede para se escrever cartas confirma-se que se for na língua mãe acaba também por criar laços mais fortes, faz com que o treino da escrita seja mais eficiente, “A escrita, neste suporte, impôs ao aluno ordenamentos temporais, espaciais e intelectuais que são próprios da escola” (Cordova, 2016, p. 218). Assim se percebe esta importância de escrever cartas e como se podem unir esforços para num objeto conseguir exercitar não só a própria língua, como a imaginação, comunicar entre si, a capacidade de descrição, noticiar, praticar a caligrafia e a competência da escrita em si.

Até há bem pouco tempo, as cartas, eram o meio privilegiado pelo qual pessoas distantes, se comunicavam, uma ligação, a única ligação. A distância pode ser real ou aparente mas é sempre uma característica da carta. E aqui fala-se em distância aparente, porque um pai pode escrever a um filho que vive com ele sobre o mesmo teto e deixar a carta na mochila do seu descendente, para a encontrar um dia. Aquilo que propositadamente o remetente quis foi criar distância, criar no seu discurso escrito a distância que uma carta permite ou causa. Ganha sobre o discurso a ausência do “diálogo em tempo” e com isto atribui importância ao discurso endereçado nessas linhas. A palavra escrita ganha sobre o discurso oral à distância, é um factor importante

no discurso epistolar. E é um elemento que de uma forma ou outra cria a importância naquilo que é dito.

Até num romance contemporâneo uma carta tem um valor especial, uma beleza volátil, sem dar por isso, Djamilia Pereira de Almeida conseguiu transformar um livro, numa carta de um pai a uma filha, escrita durante uma vida inteira de ausência, com descrições de emoções, descrições diárias, descrições de lugares e situações, que fazem inveja a qualquer família que gostaria de ter histórias familiares assim. A beleza do livro/carta é de um louvor à vida e uma bênção ao amor, como é nesta citação demonstrado:

Não importa se me lerás ou não. Importa este raio que liga meu coração à ideia do teu coração. Se eu continuar a escrever, estou vivo, filha. Se eu continuar a escrever, tu vives. Quando descubro uma frase bonita me apetece repeti-la muitas vezes. Leio em voz alta o que escrevi. Fico todo vaidoso. (2021, p. 85)

O amor é mesmo um ingrediente inegável na pedagogia, até numa leitura de varrer as páginas das cartas a Lucílio, qualquer pessoa, até as mais distantes, conseguem encontrar esse sentimento bem explícito, mesmo que a palavra não venha escrita. O amor existe, a pedagogia existe! É esta a ligação, é este o raio. O romance em carta não é inédito, Eça de Queiroz (1900), na sua *Correspondência de Fradique Mendes* é uma prova irrefutável desse estilo, que nos deixa também extasiados e felizes com essa escolha, pois a descrição da sociedade é completamente nítida e simples, segundo Carlos Ceia (2009).

Num texto escrito a três, Barros, Silva e Raizer (2017), sobre a pedagogia de Freinet (1920), encontramos mais uma justificação concreta sobre esta ligação das cartas, esta ligação eterna e inegável, infinita e ao mesmo tempo sempre inacabada. Todos devemos escrever cartas, dar a escrever e a ler, pois uma carta é um incentivo à livre expressão, aumenta o número de leitores, pode ser lida por todos. Uma carta faz-nos conhecer melhor quem escreve, valoriza e faz crescer a relação com os outros e consigo próprio, cartas são registos para além da memória. Uma carta observa, regista, reflete. Neste estudo, os autores confirmam todo o conceito de Freinet:

A correspondência interescolar ocorre durante todo o ano letivo. Essa técnica permite a utilização dos diferentes tipos de linguagens, para que as crianças expressem e comuniquem suas ideias, vontades, curiosidades, estudos, de sorte que as crianças se valem do desenho, da música, da escrita, da poesia, pintura etc. Com a escrita e a leitura das cartas, as crianças são desafiadas e realizam constantes pesquisas e investigações sobre os fenômenos da natureza, o meio escolar, os lugares vizinhos, os bairros, o meio familiar, o meio geográfico. (Barros, Silva e Raizer , 2017, p. 56)

Claro que sim, é sempre justificável escrever uma carta, ou melhor não precisamos de nenhuma justificção, podemos simplesmente escrever uma carta porque nos apetece, porque queremos mesmo dizer que sentimos amor por alguém e como não há coragem para dizer cara a cara ou vivemos longe, ou sentimo-nos longe, então escrevemos, como o Senhor Boa Morte, em *Maremoto* (Almeida, 2021). É uma necessidade de comunicação, como explica Daniele Cristina Agostinho Silva, e também tem etapas, como qualquer trabalho escrito: “(...) saudação do destinatário, prender a atenção do leitor conquistando a sua benevolência, a narração de apresentação do assunto, (...) e a recapitulação ou conclusão.” (2019, p. 1). E as suas intenções podem ser do mais variados temas, mas conseguimos insistir que em tendo o dado amoroso, é sempre pedagógica, até Sêneca comenta que uma carta não precisa de pretensões, nem de estilo coloquial (como uma dissertação de mestrado talvez dispense também esse estilo), ou muito elaborado, sem artificios ou fingimentos, como na abertura da carta 75:

Tens-te queixado de receberes cartas minhas escritas sem grandes pruridos de estilo. Mas quem é que escreve com pruridos se não aqueles cuja pretensão se limita a uma eloquência empolada? Se nós nos sentássemos a conversar, se discutíssemos passeando de um lado para o outro, o meu estilo seria coloquial e pouco elaborado; pois é assim mesmo que eu pretendo sejam as minhas cartas, que nada tenham de artificial, de fingido! (2004, p. 305)

Sêneca consegue ser ainda mais eloquente e explícito nas suas cartas, quase o mais abrangente e começa na sua primeira carta com o tempo, que é um elemento também muito importante no universo, importante e transversal: “Convence-te de que as coisas são tal como as descrevo: uma parte do tempo é-nos tomada, outra parte vai-se sem

darmos por isso, outra deixamo-la escapar.” (2004, p. 1) Por isso mais uma ligação a outras cartas, ao tempo, à história, em *Carta de um Professor aos seus Alunos*, de Hesse, “o tempo passa por nós todos como um vento invisível e implacável para nos roubar o coração”, também uma carta muito afetiva e a tocar nos mais profundos sentimentos, onde se confirma a sua pedagogia. Há a confirmação deste tempo que passa tão rápido, também no romance de Michael Ende (1973), em que os senhores do tempo roubam as horas a quem se distrai, e não toma conta dos minutos a passar.

## ESCREVER PARA PRESERVAR A MEMÓRIA

A carta em si preserva a memória e além disso ainda se preserva a si como objeto. Pode considerar-se a memória pedagógica. Sim, voltar a falar em pedagogia, A pedagogia como memória, como alegria, como ligação, tal como as cartas! Daí que qualquer carta tenha forçosamente que ser pedagógica, depois haverá as que são escritas com essa intenção e todas as outras com olhadas com atenção têm sempre esse eterno lado pedagógico! Esta preservação da memória existe desde a filosofia antiga, as cartas eram a escrita privilegiada, era a maneira de comunicar por excelência, as cartas dirigidas ao seu destinatário eram depois distribuídas e chegaram até nós para nos explicar como a história do pensamento se desenvolveu, ficaram cartas universais. Parece que em carta há uma maior capacidade de se dizer o que se pensa ou como se pensa, voltamos a confirmar a presença de afeto em cada carta, como explica Francis Wolf, quando escreve em *Três Figuras do Discípulo na Filosofia Antiga*, “A relação que o ligava ao mestre é uma relação de amor.” (1993, p. 125)

Pela mesma razão de preservar a memória há importância das cartas trocadas entre artistas, como as entre Magritte e Foucault (1966), que os dois escrevem e comentam os pensamentos que cada um tem sobre as suas próprias obras e dos amigos, fazem leituras e análises interessantes para quem quer estudar os seus trabalhos, falam em mistérios do visível e do invisível, falam em mundos imaginados e imaginários. Até os egípcios escreviam aos mortos, como explica Fardilha (2017) na apresentação do colóquio de Epistolografia, é uma capacidade imensa de ultrapassar barreiras e de preservar a memória. Ou cartas escritas por artistas, que foram criticados na sua época, um artista muito erudito e estudioso, Mário de Andrade. De Moraes consegue fazer um resumo explícito sobre a vida deste escritor, onde demonstra mais uma vez a capacidade do objeto carta:

A epistolografia do escritor brasileiro Mário de Andrade (1893-1945), reconhecida atualmente por seu expressivo volume e importante potencial histórico e biográfico, deve ser interpretada como a prática de um projeto pedagógico. (2003, p. 47)

*A Nossa Junqueira* toma o nome da rua onde se situa o Palácio dos Condes da Ribeira, onde à época deste livro vive esta Família. Neste sentido, *A Nossa Junqueira*, mais do que um espaço físico de morada, designa o núcleo familiar dos autores dessas cartas. É

um espaço moral e emocional, um espaço de afetos e memórias, de laços de sangue, um espaço espiritual, um local de encontro, segurança e conforto. Um período essencialmente instável. Estamos perante um século em que politicamente, não há garantias de estabilidade alguma, exceção seja feita do período histórico do Fontismo em que no país, as forças reúnem-se em torno de uma certa paz social possibilitadora do progresso. Um século que conhece muita vicissitude política com fortes repercussões na vida e no quotidiano desta família. A partir da década de 80 em diante, o país começa a viver um período muito conturbado politicamente, quer pelo combate político aceso nas câmaras e nos jornais, ajudado externamente pela corrida europeia ao continente africano - e as consequências na política nacional - quer pelo incremento das ideias socialistas na Europa e em Portugal. A instabilidade governativa e os ataques à Família Real nos jornais agravam-se. Nos primeiros anos do séc. XX, apesar de um enorme esforço diplomático do Rei D. Carlos e de uma tentativa de apaziguamento ideológico são o *Canto do Cisne*, que acaba com o assassinio do Rei e do Príncipe herdeiro, o curto reinado de D. Manuel II e a implantação da República.

O período chamado de 1ª República não traz com ele nem a paz social, nem a estabilidade governativa, os incidentes e os governos sucedem-se uns aos outros. A República vê-se, rapidamente, a braços com lutas internas dentro das facções republicanas, pela partilha do poder, tendo ainda, os monárquicos à perna em ações pontuais de pouco sucesso prático, mas que funcionam como uma pedra no sapato. O medo de uma restauração monárquica e o fantasma da Igreja Católica levam os sucessivos governos a tomar medidas cada vez mais fortes, que envenenam a sociedade portuguesa.

É neste contexto que parte dos intervenientes destas cartas, seus círculos familiares e de amizade se veem obrigados a sair do país, quer por estarem diretamente envolvidos nos planos de restauração monárquica, quer por serem próximos destes e *entourage* da Família Real exilada. Assim, Emília (filha de João da Camara) e seu marido Alexandre Almeida Garrett exilam-se em S. Jean de Luz com uma enorme comunidade de Portugueses, nos quais está a liderança das chamadas Incursões. Pelas mesmas razões José Paulo (filho de João da Camara). O anúncio da declaração de guerra ao país pelo governo alemão, torna a situação em Portugal ainda mais precária. É neste contexto que Maria de Jesus (irmã) participa como enfermeira do Corpo Expedicionário Português e se ausenta da Junqueira.

O perdão ou a libertação dos presos políticos não acarreta necessariamente a mudança da sua situação pessoal. Serão sempre pessoas não gratas ao *status quo* republicano e por isso a sua sobrevivência económica implica de novo a saída do país para outros continentes. José Paulo e mais tarde ainda, o seu irmão Tomás (irmão) terão de procurar noutros em África e no Brasil, lugar para singrar nas suas carreiras pois a sua realidade e o mundo que representam fecham-nos ao concurso das oportunidades nacionais.

É fantástico como uma família começa a recolher cartas e espalha alegremente esse culto e esse gosto logo no fim do século XIX. É incrível como uma família de Lisboa chega ao Alentejo e com gosto começa a trocar cartas com os parentes afastados geograficamente e como depois convida esses mesmo parentes para os visitar, mas na mesma a trocar cartas com quem fica ou com quem vai, e avança na sua pequena (grande) alegria de espalhar e escrever cartas a quem ia e vinha e ficava, escreve e ensina o gosto de gostar de cartas, o gosto que é dar-se a conhecer por cartas e aprofundar as relações familiares, mesmo à distância, e assim criar estas memórias que vão ficando, o gosto de também ensinar a escrever, educar e “pedagogizar” e assim poderem continuar a comunicar e assim também poder espalhar pela família este gosto tão especial e importante que é escrever cartas e preservar assim a memória coletiva.

Um meio intelectual de exceção. Estamos perante um núcleo familiar, talvez não muito diferente, de outros congéneres, do ponto de vista académico, mas claramente distinto do ponto de vista intelectual. A sua casa e as suas relações são inundadas por um sem fim de escritores, atores, músicos, intelectuais e jornalistas de primeira água do final do séc. XIX, princípio do séc. XX. Com estes, o grupo de irmãos convive diariamente. Estas reuniões e saraus que se estenderam pela noite fora terão sido preponderantes na formação intelectual dos filhos. Na Junqueira de D. João da Camara concorrem os intelectuais do seu tempo e isso marcará os seus filhos de uma forma especial, sem que esta educação do espírito abale a sua formação moral, a sua fé ou a integridade das suas almas.

O trabalho precioso da Condessa de Povolide (1955), atento e cuidado, foi o de recolher toda a correspondência disponível entre os seus pais, tios e avós, que estava nas mãos da sua tia Maria, de primos e na sua posse, fazendo a ligação entre as cartas. Intercalando pequenos comentários foi tecendo a história da sua família durante este período. E não foi pouca a sua dedicação e mérito, pois transcreveu todas as cartas, ordenou, selecionou

e anotou-as, sendo as suas notas feitas unicamente com base na memória extraordinária que tinha de tudo o que viu e ouviu.

De início, o propósito de *A Nossa Junqueira* era dar a conhecer às novas gerações de Camaras, aquilo que tinha sido a vida da sua família no fim do séc. XIX até meados da primeira metade do séc. XX. Na vida destes, exemplar, a Condessa de Povolide, encontrava muitos valores que gostaria de partilhar e ver tomados como base para as novas famílias que se iam formando. Nas palavras de Caetano Beirão (1958), seria pena e seria pouco se a obra ficasse pela família Camara como uma história da família Camara (D. João), já que aquilo que ali estava escrito era bem mais do que isso, era parte da História de um país, da História do seu povo, dos acontecimentos históricos e de como eles foram vividos dentro de um círculo familiar. E assim a obra ganhou a sua dimensão devida, e a autora, o seu grande mérito, reconhecido.

A escolha destas três cartas foi feita, por terem uma distância temporal, uma do princípio da recolha, outra do meio outra do fim retrata a época e um bocadinho de como as cartas eram escritas e passadas. São tecidas mini biografias de cada um que escreve e recebe estas cartas em anexo.

João da Camara (1852-1908), pai de família, que vai trabalhar para fora de Lisboa, escreve cartas para se aproximar de todos, para contar como passa os dias e para matar as saudades. Em todas as suas obras se nota o seu espírito cristão, a sua alma de bom. Conheceu e estudou com amor todas as suas personagens, este estudo está bem patente nas figuras da *Rosa Engeitada* e da *Marcolina*. Os caracteres dos bondosos alentejanos tementes a Deus, nos *Velhos* e na *Triste Viuvinha*. A fidelidade dos criados das casas nobres aos seus senhores, no *Pântano*, *Casamento e Mortalha* e *El-Rei*. Os verdadeiros fidalgos valentes e guerreiros, ao mesmo tempo que eram trovadores amorosos, dedicados ao seu Rei e à sua Pátria, em *O Conde de Castelo Melhor*, *El-Rei* e *Alcácer-Kibir*. Toda a sua obra é repassada de bondade e poesia. Bondade e poesia foi toda a sua vida. O tipo perfeito do fidalgo português, virtuoso, que sabia compreender a dor dos infelizes, que sabia repartir com os desgraçados o pouco que possuía, que tirava dos seus ombros o único capote que tinha para pôr nas costas de um pobre, que ia a pé do Rossio à Junqueira, porque tinha dado os últimos vinténs que deveriam para o Americano.

Eugénia Melo Breyner (1852-1944) vive com mil afazeres, visitas e deveres, interessadíssima por tudo e por todos. É muito devota, uma católica em ação e espírito, com uma vida social e doméstica muito intensa. Tem um enorme ascendente, por via da sua conduta moral exemplar, sobre os filhos que a veem como alguém que é Santo e a quem omitem algumas “verdades” para a proteger;

Vicente da Camara (1878-1923), casado com Maria Inês Seabra, médico de profissão, que não encontrando lugar como médico na capital, passa parte deste tempo em Valada (do Ribatejo), onde se estabelece durante algum tempo, até que volta para Lisboa. Têm os seus 3 filhos, João, Maria e Maria Emília (autora da *Nossa Junqueira* I e II). O Vicente é o único irmão que nunca é tratado por nenhum diminutivo. Vicente morreu em Paris no decorrer desta correspondência com 45 anos. É a figura clara do irmão mais velho, companheiro da mãe nos assuntos domésticos, na educação dos irmãos mais novos e na administração dos dinheiros da família, que em parte ainda vêm dos direitos de autor das obras literárias do Pai. Sempre o mais “ajuizado”, carrega em si o peso e a responsabilidade de zelar pelos seus mantendo a sua família, “tudo vai dando” e tem sempre a esperança de vir a melhorar, pelo que constantemente dá graças pela sua situação que não sendo a melhor poderia sempre ser pior.

José Paulo da Camara (1887-1939), tratado também por Assobio (sobretudo durante o período em que está incógnito, devido a sua participação nas incursões monárquicas). Há imensos relatos feitos por terceiros n’ *A Nossa Junqueira*, que o louvam do ponto de vista intelectual e humano. É o “Ai Jesus” de quase todos os irmãos que têm por ele uma verdadeira paixão. Sempre com uma escrita brilhante, as suas cartas são as mais divertidas e bem-dispostas, traçadas com um humor muito fino. Assiste-se ao início do seu noivado e casamento com Helena (Ficalho) e tem vários filhos durante o período das cartas. É um homem de Letras. Este sonho e a necessidade de garantir o sustento da sua família leva-o a ir para o Brasil por duas vezes, de onde escreve sempre e as suas cartas são textos únicos do ponto de vista literário.

Maria da Assumpção da Camara (1920-2008), segunda filha do Zé Paulo, recebe a última carta aqui em anexo. Recorda sempre a última vez que viu o pai, com três anos, como um adeus triste. Vive com a mãe e os seus irmãos em Cascais, que escrevem e recebem cartas do pai Zé Paulo, que está no Brasil (mais um pai longe para trabalhar). Casa com 20 anos e tem 8 filhos.

Uma carta pode ser um espaço educativo por excelência, para quem escreve e para quem lê. A carta é um objeto sempre com valor, seja cultural, histórico ou pedagógico e nalguns momentos um valor museológico, como as cartas de Freud expostas no museu, que se diria mesmo que valem mais do que mil livros, cada carta é um objeto com informação por vezes mais importante que os tratados que escrevia de psiquiatria. A carta tem uma função pedagógica de memória, ensina e mostra como é a vida, com uma capacidade extrema de quebrar o quotidiano. Há inúmeras cartas pedagógicas não utilizadas, cartas em arquivos familiares e governamentais, cartas que se estudadas poderiam ajudar a preservação de memória, como igualmente a várias possibilidades de justificações históricas. Moraes acredita na capacidade terapêutica de uma carta e como ao escrever o remetente falando de si consegue ajudar o destinatário, este autor considera que se deve voltar a dar importância à cultura epistolar, pois onde há um discípulo há pedagogia, e que todo este processo lucra intelectualmente cada leitor, “a carta, vista como reservatório de testemunhos”, com uma expressão que diz tudo uma “extensão escrita da amizade”.

A preservação da memória, pode ver-se nesta carta familiar, uma carta ainda mantida pelos herdeiros, umas misturas, quase uma teia, uma frente com o verso à vista, só emoções, só pedagogia, só liberdade.

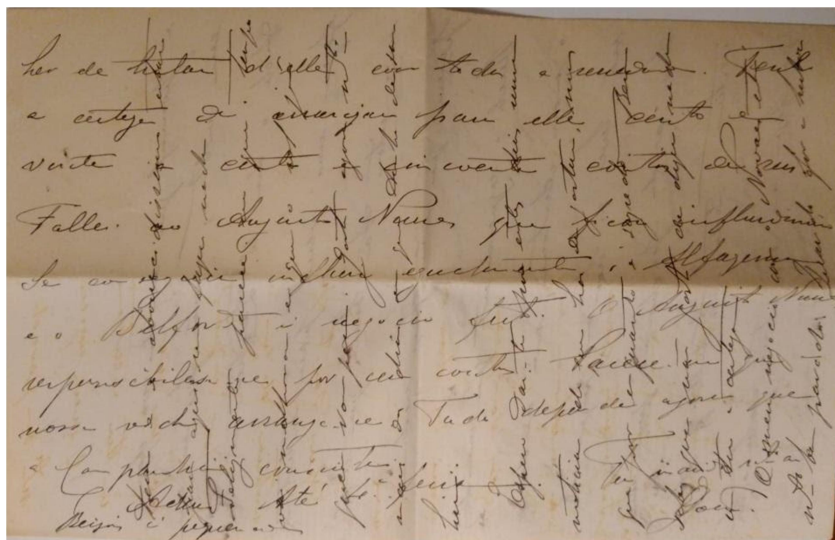


Figura 7. Carta da família Camara – carta cedida pela família Camara

É mesmo incrível como o gosto desta família estava ao rubro, o desejo de um futuro, como as partilhas de histórias, de preocupações, de vida os tornava tão próximos. Havia

nestas cartas um quase congelamento do tempo, daquele tempo, a vida estava a acontecer no momento, havia um enquadramento de cada momento.

Tal foi a importância destas cartas que já editaram em 1959 e agora em 2021, numa tentativa de juntar algumas das mais marcantes cartas para a história desta família e para a história de Portugal e do mundo, daí esta capacidade de preservar a memória. É espantoso a quantidade de cartas que foram escritas ao longo de cento e tal anos, depois compiladas e editadas, a edição do segundo volume explica todo o processo de crescimento desta obra, o enquadramento cultural da época e a descrição das personagens (da vida real), que escrevem todas as cartas e ainda de alguns amigos e familiares e assim como fotografias que ajuda à imagem e mais um reforço desta memória tão preciosa. Com estes dois volumes, a visibilidade e relevância das cartas para o leitor comum aumentou, assim como a capacidade de demonstrar a importância das cartas familiares que são imediatamente pedagógicas. E a relevância desta coleção, e como esta família contribuiu para a evolução e para o crescimento, com valor histórico inegável destas cartas, pois contribuíram para a evolução da família!

Esta evolução familiar nota-se no valor inestimável das cartas. Estas testemunham a vida no século XX e podem ser objeto de estudo a vários níveis, eram o meio de comunicação por excelência. Parte do dia de uma pessoa, como as que aqui se correspondem, era passado à mesa ou à secretária a escrever, respondendo a inúmeras cartas que chegavam vindas de familiares, parentes, amigos ou tratando de negócios das suas casas. Nelas se escreve, tentando dar conta ou “arrumar” assuntos muito práticos, que tinham a ver com os negócios, bem-estar dos seus filhos e netos. São missivas muito breves. Para alguém que tinha à época a que reportam estas cartas, 3 ou 4 filhos fora de casa e longe, em situações nem sempre fáceis, a correspondência é abundante. Pelas cartas escritas por si, damos conta de todas as outras que naquele dia tinha recebido às quais tinha de responder.

Estas cartas, em particular, tinham também outra característica: embora fossem dirigidas a uma pessoa, circulavam entre o núcleo familiar. Assim, uma carta vinda de S. Jean de Luz, França, escrita pela filha Emília e dirigida à mãe, era lida por esta e pelas irmãs na Junqueira, lida ao serão aos primos e à Tia Carlota do primeiro andar e remetidas para o filho mais velho, Vicente e sua mulher para Rio Maior e de novo enviadas para Lisboa. Há uma intimidade enorme entre eles irmãos e entre estes e a sua mãe. Este circular das cartas indicia para além da intimidade, a necessidade de dar notícias, e funcionam,

muito como um *Jornal Familiar*. Numa carta escrita por um irmão a outro, há, quase sempre, menção a assuntos mencionados em outras cartas dirigidas a outros. São cartas escritas em círculo. É espantosa a rapidez, naquela época, com que uma carta chegava a Lisboa vinda de Paris, ou o tempo que uma carta levava a chegar a Rio Maior expedida de Sto. Amaro, Lisboa.

Como cartas particulares que são, a linguagem é muito coloquial, falando dos assuntos, preocupações e alegrias do dia, mas também dando notícia e fazendo juízo pessoal sobre os episódios políticos e as mais variadas situações. Braren explica que Séneca escreveu cartas, por estas serem um modo de expressão mais instintiva e emocional, menos racional, explicando melhor também estas cartas familiares: "Epístola estabelece contacto, faz ponte direta entre missiva e endereçado" (1999, p. 43). Cartas que podem ser históricas que nos fazem ver como se passavam as vidas em cada época, Lisanea Weber Machado (2009), consegue retratar a experiência de ensino no Brasil, no século XIX. São por isso, as cartas, parciais e pouco alteradas, e daí, também parte do seu grande valor como testemunhos oculares dos acontecimentos sociais, culturais, religiosos e políticos do seu tempo.

No fundo estas cartas tentam de alguma maneira, sem estatutos, sem nada oficial, com os conhecimentos da família fazer uma sociedade melhor, talvez com o pensamento em promover e desenvolver a educação, moralidade e a ética dos seus descendentes. Arrisco mesmo a dizer que estas cartas tiveram ou têm ainda a intenção de mudar o mundo, quase como uma pedagogia, como Paulo Freire (1984) e Alberto Manzi (1950), que quiseram revolucionar a escola, estas cartas fizeram sem dúvida a diferença, pelo menos nos seus descendentes. Havia um enorme culto pela família, e uma demonstração permanente da preocupação pelo bem-estar de cada um, na formação do caráter de cada um, mesmo à distância. Daí a importância epistolar ao longo dos tempos, como nos explica este professor:

Tentámos mostrar que o texto epistolar não deve ser enjeitado ou olvidado, pois continua a integrar, de forma notavelmente surpreendente, o nosso quotidiano. Estudámos as rotinas. Recenseámos os *topoi*, como elementos de regularidade, de normatividade, de repetibilidade que configuram o género epistolar. Cremos, modestamente, que o véu que solevámos permitirá, no futuro, aprofundar

devidamente, o *modus epistolaris*, sendo, esta, apenas, a nossa possível e modesta contribuição. (Seara, 2008, p. 14)

Um percurso normal. Uma família meio artista meio adaptada à sociedade em geral, mas nunca completamente! Com o tempo acabei, espantosamente para mim, por construir também uma família meio artista meio a tentar adaptar-se à sociedade atual, mas nunca completamente! Um trabalho no meio artístico, sem nunca ter sonhado com ele, apesar de sempre ter adorado o meio. Cartas, cartas que sempre estiveram por aí, cartas que vieram do céu para nos ensinar, para nos levar. Positivismo (ou otimismo?) na maior parte dos momentos, momentos da vida quase sempre coloridos e felizes! Aqui cheguei para crescer espiritualmente, porque adoro aprender e porque sonho com a possibilidade de cartas melhores, mais criativas, mais sábias, mais pedagógicas, mais memoráveis! Uma carta faz bem à saúde, a carta faz-nos conhecer melhor o mundo e o outro! A carta leva-nos ao fim do mundo! E Jesus no caminho todo!

Tive sorte porque comecei a ler muito cedo, havia livros em todas as casas da família, livros de todos os tipos, uns mais eruditos que outros, mas rapidamente elegi Eça de Queiroz, o meu escritor preferido, as descrições que nos levavam a todo o lado, as personagens, a descrição da sociedade portuguesa sempre tão atual e ainda hoje é este escritor a bitola pelo qual consigo avaliar todos os outros. Também Eça (1900), como escritor, transmitia uma pedagogia social nos seus livros, escreveu aos seus filhos, cartas afetivas e pedagógicas:

Meu querido Zezé (...) Tens passeio de bicicleta? Deve haver em Bourboule estradas muito bonitas; e também lindos lugares para se tirar fotografias.

Imagino porém que não achareis muita graça em fazer as árvores e os rochedos posarem. (1997, p.91).

Comecei por juntar pessoas que ao longo da vida me acompanharam, tendo em conta a capacidade de memória que cartas e vivências nos fazem ao longo da vida, foi uma opção consciente tendo em conta o que uma associação deste tipo, em que o distanciamento entre todos é gigantesco, seja em temporalidade, géneros, interesses e paixões, são personalidades muito criativas e todas elas me foram marcando ao longo da vida. Até Kafka, que de alguma maneira, sem enviar a carta que escreveu ao pai, a escreveu para preservar a memória do que foi a sua vida, quase como uma autobiografia nos deixa os ensinamentos que teve e os partilha pedagogicamente:

É como quando uma pessoa tem de subir cinco degraus baixos e outra pessoa apenas um degrau, mas que é tão alto quanto os outros cinco juntos; a primeira pessoa não irá só superar os cinco degraus, como ainda mais cem, mais mil, terá levado uma vida longa e muito extenuante, mas nenhum degrau que subiu terá tido um tão grande significado como para a segunda pessoa teve o único degrau, o primeiro, enorme, impossível de subir para as suas forças, para o qual não consegue subir e muito menos ultrapassar. (2004, p. 59)

Com estas cartas é possível refletir sobre o peso que a correspondência tinha na sociedade daquele tempo, como afirma Rosário Conceição no seu estudo sobre cartas privadas de Almeida Garrett (1829) quando estava no exílio:

O século XIX se tornará a idade de ouro do privado. Embora o ato de escrever cartas, seja praticado desde a Antiguidade, seu significado ganha contornos específicos com a formação do individualismo modernos. Esse homem não se prenderá unicamente com o ato de escrever cartas, esse processo se ampliará com a produção de diários e de auto-biografias. Essa produção de memórias de si resultará no recolhimento de objetos pessoais, como fotografias e cartões-postais, que passam a transformar o espaço privado da casa. É a transformação da chamada sociedade tradicional em moderna. (2011, p. 255)

Há uma dignidade e uma honra nestes exemplares, que se nota a educação que tinham, assim como um modo de escrever, muito cuidadosos e atentos. Conceição continua na sua explicação sobre as cartas dessa época, que este século foi um momento de interrogação relativamente às relações sociais, “entre o público e privado, o coletivo e individual, o masculino e feminino” (2011, p.255) como se nota que com estes escritos se pode estudar a história da época, como se vivia, que hábitos tinham, no fundo é um retrato bastante nítido das vivências quotidianas. Assim como a parte cultural e política, nas cartas familiares da *Nossa Junqueira*, contavam com frequência as idas ao teatro, as viagens, o que estava a acontecer na política nacional e internacional e como tudo isto se transfere, passa entre a geração da época e para as gerações que virão.

Rilke fala desta herança de gostos e hábitos das gerações passadas, fala do sangue que se herda. É possível transferir para as cartas, as cartas são como este sangue que corre

em cada um, como cartas lidas onde se aprende, onde delas agora se mistura com que o que somos e faz de cada um este ser único e irrepetível.

Deve ser imensa a serenidade em que tais ruídos e movimentos têm lugar e se se pensa que a tudo isso ainda se acrescenta a presença do mar longínquo, ecoando talvez como o tom mais íntimo daquela harmonia pré-histórica, só se pode desejar que, pleno de confiança e paciência, deixe trabalhar em si a grandiosa solidão que não poderá mais ser riscada da sua vida; que em tudo o que lhe vier a ser dado viver e fazer actuará longa e silenciosamente de modo decisivo, como uma influência anónima, um pouco como o sangue dos antepassados que percorre continuamente as nossas veias e se mistura com o nosso próprio sangue, para constituir o que somos de único e irrepetível em cada nova curva da nossa vida. (2020, p. 104)

Esta necessidade de biografias, de vidas, que tatuam e educam, que Goodson defende incansavelmente, pois a história de cada ser humano é extremamente importante para o seu crescimento emocional e cognitivo. Este autor fala sempre em “temáticas biográficas”, “pesquisa biográfica”, “estudo biográfico”, tudo isto para confirmar a importância da memória e das histórias de cada um para a formação do ser humano em geral (2007).

## CONCLUSÃO

O que queremos de uma carta? O que podemos querer? Que seja pedagógica? Que seja familiar? Que passe valores ou lições intelectuais, para formar carácter? Que seja democrática ou ditatorial? O que desejamos quando escrevemos uma carta? Ensinar? Ou aprender? Ou as duas, em simultâneo? Uma carta é livre. Há sem dúvida liberdade numa carta, liberdade para exprimir o nosso amor pelo outro! A carta instrui e a instrução leva à liberdade, como afirma Weil (2000, p.61). É isso que desejamos de uma carta, que liberte, que transporte, que leve, que transfira, que transmita amor!!! As cartas são imortais! Podemos concluir que as cartas, em todas as suas componentes, como a poesia, a literatura, o teatro, a pintura, a música, são elementos imprescindíveis na evolução do ser humano, esta expressão pedagógica pode ser a língua com que compreendemos a vida e como apreendemos a infinidade de línguas. Como Sophia de Mello Breyner explicou, na sua intervenção na Assembleia Constituinte, a 2 de Dezembro de 1975, a cultura tem que ser para todos, pois altera a vida de cada um, contribuindo para a construção de uma sociedade mais sã!

Mais uma vez, há a tentação de trocar a palavra cultura por carta e percebe-se que as cartas cabem em todo o lado e podem assumir uma dimensão maior, para cada um e para todos nós, pois podem transformar-nos. Ler cartas já escritas e lidas por outrem pode dar-nos uma enorme capacidade de discernimento da sociedade, em diferentes épocas. A carta pode ser concebida, assim, como uma verdade inegável e como uma realidade intransponível para o mundo da educação. Tantas cartas ficaram por ler! Mas temos que nos despachar, pois sabemos, como Almada Negreiros (1917), que não vamos conseguir ler tudo nesta vida.

Em jeito de conclusão, podemos humildemente afirmar que, no âmbito desta dissertação, foi importante perceber como, no campo da educação, as cartas podem assumir inegavelmente um papel pedagógico, de que são exemplo as imensas cartas/livros e cartas/cartas de Freire (1984), que foram e são uma influência, que pode ser vista como essencial para os métodos de estudo, para a prática da escrita, para os ensinamentos sociais e para a evolução das capacidades cognitivas de cada ser humano; e as cartas de Freinet (1920), que se consubstanciam num método de aula que conseguiu levar mais longe, para lá do horizonte, os utilizadores de cartas, aquém e além

fronteiras, naquele caso de espaço geográfico, de lugar, mas que acreditamos poderem ser igualmente transponíveis, através das cartas, no tempo.

Nas cartas há história, há passado, há presente e é com isso que se faz o futuro. As cartas são conversas perpétuas, ligações infinitas que nos fazem prosperar, florescer... Savater concebe a família como um elemento de peso para a educação do ser humano, durante a vida inteira (1997, p. 47), confirmando a moral como pilar da sociedade, que Séneca tanto apregoava a Lucílio (2004). Autores assim são alguém, ou vários alguéns, que nos ajudam a pensar, outros autores, vários autores que criaram e pensaram, algumas vezes contraditórios, mas no geral em acordo e a confirmar todas as conclusões. Pensadores que levam a momentos criativos, que motivam, que inspiram. Foi muito importante a experiência de escrever esta dissertação, para tornar mais nítida a relação com a carta e a escola. Como Almeida Garrett (1829) que, sendo um autor português, consegue insistir para que a educação seja portuguesa, mas confiando em Rousseau, um pedagogo intemporal e sem fronteiras.

É importante que as novas gerações sejam criativas, escrevam cartas uns aos outros e vejam como isso levará a uma imaginação a funcionar muito rápido, porque a vida está bem diferente, para isso deve haver um desenvolvimento pessoal mais abrangente e mais criativo, bem mais criativo. A pergunta – o que pode uma carta?- continua a pairar no ar. Escrever cartas poderá dar-nos alguma capacidade de discernimento em relação à vida e à sociedade. Será possível construir um mundo paralelo de cartas, com personalidades inventadas, como num jogo virtual? Divertido era de certeza! Porque, normalmente, quem aprende depressa se esquece do que lhe foi ensinado, mas recorda sempre quem estava no quadro, lembra o ser e não a matéria, a carta consegue incorporar o ser e a matéria.

Uma carta em papel verdadeiro, como antigamente ou será que o futuro vai deixar de ter papel? Uma carta emocionante pode criar memórias que permanecem, a memória de dias que não tivemos, o sonho de dias melhores, dias especiais e importantes. Uma ilusão para quem escreve e talvez uma ilusão para quem lê. Será que alguém vai ler a carta de outra pessoa, mesmo que muitos anos depois? Escrever uma carta, tem capacidade de acalmar, capacidade de refletir, consegue ter uma infinita capacidade de sonhar, porque por escrito a vida fica mais leve, mais bonita, é possível voar, saltar,

fugir, fugir para voltar a escrever e voltar a ler, uma liberdade para voltar a amar, uma janela para voltar a tentar! Houve uma entrega a esta paixão sem fim, que sempre existiu, houve colaboração, encontros, houve estudo, tempo, alguma persistência, uma vida em que nos tornamos outros, uma tentativa de ver o mundo de outra maneira, sempre com dúvidas, claro, como insistia Sócrates.

A pedagogia sempre foi um tema recorrente de nossa casa e Rudolf Steiner (1988) sempre andou por lá nas prateleiras, assim como Montessori (1984), A. S. Neil (1967) e, claro, o eterno Agostinho da Silva (2000). Conversas, que quando o horizonte dos filhos surgiu, foi uma certeza inabalável de deixar os pequenos numa pedagogia mais aberta, inclusiva e criativa. Estes pequenos apareceram e quase que juro que é a produção mais criativa que consegui na vida, são queridos, amorosos, bem-dispostos, divertidos e muito criativos. Sim, uma conclusão deve concluir em vez de despedir, mas a verdade é que este trabalho é quase uma carta e portanto tem o direito e a obrigação de se despedir. Obrigada e até sempre!

## REFERÊNCIAS

Almeida, Alfredo Betâmio de (2007). *Textos Inevitáveis*, Co-edição Camara Municipal de Benavente-EDUCA, Associação de Estudos e Publicações em Educação, FPCE, UL;

Almeida, Djaimila Pereira de (2021). *Maremoto*, Relógio D'Água;

Amador, Fernanda Spanier; Barros, Maria Elizabeth Barros de (2011). Cartas a Foucault: em que estamos em vias de nos tornar em meio ao trabalho contemporâneo?, in *Mnemosine*, v. 7, 2011, nº 2, Departamento de Psicologia Social e Institucional/UERJ, pp. 17 a 31, [www.e-publicacoes.uerj.br](http://www.e-publicacoes.uerj.br);

Arendt, Hannah; Weil, Eric; Russel, Bertrand; Ortega Y Gasset, José (2000). *Quatro textos excêntricos*, Relógio de Água;

Barato, Jarbas Novelino (2010). Resenha de Livros sobre a Escola de Barbiana, in *Senac*, v. 36, setembro-dezembro 2010, nº 3, pp. 78 a 81;

Barros, Flávia Cristna Oliveira Murbach de; Silva, Greice Ferreira da; Raizer, Cassiana Magalhães (2017). As Implicações Pedagógicas de Freinet para a Educação Infantil: das Técnicas ao Registro, in *Colloquim Humanarum*, v. 14, agosto 2017, nº 2, pp. 51 a 59;

Bergoglio, Jorge Mario (2017). Carta do Papa Francisco aos Jovens, [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2017/documents/papa-francesco\\_20170113\\_lettera-giovani-doc-sinodo.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2017/documents/papa-francesco_20170113_lettera-giovani-doc-sinodo.html);

Braren, Ingeborg (1999). Por que Séneca escreveu Epístolas, in *Letras Clássicas*, 1999, nº 3, pp. 39 a 44, Letras Clássicas ([usp.br](http://usp.br));

Bretas, Alex (2017). O Mestre Ignorante: como todas as pessoas podem instruir a si mesmas, <https://medium.com/@alexbretas11/o-mestre-ignorante-como-todas-as-pessoas-podem-instruir-a-si-mesmas-225cbf947220>;

Camara, D. João (1897). *Crónica Ocidental, O Ocidente*, ([cm-lisboa.pt](http://cm-lisboa.pt));

Campello, Ronaldo Luís Goulart; Farina, Cynthia (2015). As cartas que escrevo... Uma escrita, várias linhas, uma prática de ensino, in *Revista Pedagógica*, Chapecó, v. 17, n. 35, p. 259-272, Dialnet-AsCartasQueEscrevoUmaEscritaVariasLinhasUmaPratica-5611506.pdf;

Campiotti, Giacomo (2014). *Nunca é tarde demais*, RTP, Nunca É Tarde Demais - Documentários - RTP;

Ceia, Carlos (2009). Epístola, EPÍSTOLA - E-Dicionário de Termos Literários (unl.pt);

Centro Alberto Manzi, (2005). Biografia – Centro Alberto Manzi;

Charréu, Leonardo Verde; Salbego, Juliana Zanini (2016), O que podemos aprender em um teatro sobre Arte Contemporânea: um estudo interdisciplinar de Encenações Portuguesas da peça “Arte” de Yasmina Reza, Reportório;

Charréu, Leonardo (2018). Arte, Infância e Pedagogia cultural, in *Da Investigação às Práticas*, v. 9, maio 2018, nº 1, pp. 47 a 55;

Charréu, Leonardo (2019). A Cartografia e a Artografia como métodos vivos de investigação em Arte e em Educação Artística, in *Diacrítica, Revista do Centro de Estudos de Humanísticos*, v. 33, 2019, nº 1, pp. 87 a 103;

Coelho, Edgar Pereira (2011). Uma introdução à Pedagogia da Correspondência em Paulo Freire, in *Eccos Revista Científica*, julho-dezembro 2011, nº 26, pp. 59 a 73;

Conceição, Maria do Rosário Alves Moreira da (2017). Cartas para Almeida Garrett: Lembranças do Exílio, in *CEM-Cultura Espaço & Memória*, 2017, nº 8, pp. 253 a 261;

Cordova, Tania (2016). Redações, Cartas e Composições Livres: O Caderno Escolar como Objecto Material da Escola, in *História Educação (Online)*, v. 20, maio-agosto 2016, nº 49, pp. 209 a 226, <https://seer.ufrgs.br/asphe/article/download/58637/pdf>;

Costa, J. Almeida; Melo, A. Sampaio e (2001). *Dicionário da Língua Portuguesa*, Porto Editora;

Costa, Luis Artur; Marques-Silva, Paula; Axt, Margarete (2014). Acontecimento-Foucault: Entre o Cronos e o Aion de Si, [http://www.ufrgs.br/lelic/files\\_gerenciar\\_de\\_arquivos/artigo/2014/56/1410525347acontecimento-foucault\\_entre\\_o\\_cronos\\_e\\_o\\_aion\\_de\\_si.pdf](http://www.ufrgs.br/lelic/files_gerenciar_de_arquivos/artigo/2014/56/1410525347acontecimento-foucault_entre_o_cronos_e_o_aion_de_si.pdf);

Deleuze, Gilles; Guattari, Félix (2000). *Mil Platôs, Capitalismo e Esquizofrenia*, Editora 34, [deleuze-guattari-mil-platos-vol1.pdf](http://conexoesclinicas.com.br/deleuze-guattari-mil-platos-vol1.pdf) (conexoesclinicas.com.br);

Eco, Humberto (1998). *Como se Faz uma Tese em Ciências Humanas*, Editorial Presença;

Fardilha, Luís (2017). As Linhas e as Letras: Epistolografia e Memória da Cultura Escrita, in *CEM-Cultura Espaço e Memória, 2017*, nº 8, pp. 7 a 12, Visualização de Volume completo (up.pt);

Foucault, Michel (1981). *As Palavras e as Coisas, Uma Arqueologia das Ciências Humanas*, Martins Fontes Editora Ltda;

Freire, Paulo (1987). *Pedagogia do Oprimido*, Paz e Terra, Paulo Freire Pedagogia do Oprimido.pdf (google.com);

Freire, Paulo (2000). *Pedagogia da Indignação, cartas pedagógicas e outros escritos*, Editores Unesp;

Freire, Paulo (2001). Carta de Paulo Freire aos Professores, in *Estudos Avançados*, v. 15, 2001, nº 42, pp. 259 a 268;

Fuks, Rebeca (2019). As dez criações mais impressionantes de Vik Muniz, Cultura Genial, <https://www.culturagenial.com/vik-muniz-obras/>;

Garrett, Almeida (2009). *Da Educação*, Imprensa Nacional Casa da Moeda;  
[https://purl.pt/2/4/1-24848-p\\_PDF/1-24848-p\\_PDF\\_24-C-R0150/1-24848-p\\_0000\\_1-314\\_t24-C-R0150.pdf](https://purl.pt/2/4/1-24848-p_PDF/1-24848-p_PDF_24-C-R0150/1-24848-p_0000_1-314_t24-C-R0150.pdf);

Goodson, Ivor (2007). Questionando as reformas educativas: a contribuição dos estudos biográficos na educação, in *Pro-Posições*, v. 18, maio/agosto 2007, nº2, pp. 17 a 37;

Goodson, Ivor (2007). A crise da mudança curricular: Algumas advertências sobre iniciativas de reestruturação, in *Editora Vozes*, 4 novembro 2010, pp. 109 a 126;

Goodson, Ivor (2007). Currículo, narrativa e o futuro social, in *Revista Brasileira de Educação*, v. 12, maio-agosto 2007, nº 35, pp. 241 a 252;

Hegel, Georg (1994). *Discursos sobre Educação*, Edições Colibri Paideia;

Hesse, Rainer Hyathuscin (2013). Carta de um Professor aos seus Alunos, in *Proforma*, abril de 2013, nº 9, pp. 1 e 2, Editorial (cefopna.edu.pt);

Illich, Ivan (1985). *Sociedade sem escolas*, Editora vozes;

Kafka, Franz (2004). *Cartas ao pai*, Relógio de Água Editores;

Krishnamurti, J (2016). *Cartas às Escolas*, Livros Horizonte;

Lúcio, Álvaro Laborinho (2008). *Educação arte e cidadania*, Temas e Lemas, Lisboa;

Walker, Lucy (2010). *Lixo Extraordinário*, Lixo Extraordinario Documentário Filme Completo - YouTube

Machado, David (2017). *Os Livros do Rei*, Ilustração de Gonçalo Viana, Alfaguara Portugal.

Machado, Lisanea Weber (2009). O romance epistolar da educadora Ina von Binzer como depoimento de uma experiência pedagógica no Brasil do século XIX, in *Revista*

*Pesquisas em Discurso Pedagógico*, 2009, pp. 1 a 12, Revista Pesquisas em Discurso Pedagógico (puc-rio.br);

Magritte, René (1966), Duas cartas de René Magritte a Michel Foucault, Tradução Jorge Coli, in *Revista Caliban*, 24 novembro 2017;

Marques, Ramiro (2000). *Dicionário breve de Pedagogia*, Presença;

Marques, Ramiro (2002). A Pedagogia de Jerome Bruner, a pedagogia de jerome bruner - [PDF Document] (vdocuments.site);

Moraes, Marcos Antonio de (2003). “Abraseleirar o Brasil” (Arte e literatura na epistolografia de Mário de Andrade), in *Caravelle*, 2003, nº 80, pp. 33 a 47;

Moraes, Marcos Antonio de (2010). Epistolografia machadiana, in *Estudos Avançados*, v. 24, 23 agosto 2010, nº 69;

Moraes, Vinícius de (1974). *Carta ao Tom 74*, Carta ao Tom 74 - Vinícius de Moraes - YouTube;

Morgado, José (1999). *A Relação Pedagógica – Diferenciação e Inclusão*, Editorial Presença;

Muniz, Vik (2014). *Finding the transformative moment in art*, TED Archive, Finding the transformative moment in art | Vik Muniz - YouTube;

Netto, Carla; Spagnolo, Carla; Florentino, José; Amaral, Lisandra; Zancan, Silvana; Portal, Leda Lisia Franciosi (2012). Cartas: um instrumento desvelador que faz a diferença no processo educacional, in *Revista Educação por Escrito-PUCRS*, v. 3, julho 2012, nº 1, pp. 14 a 25;

Niza, Sérgio; Nóvoa, António; Marcelino, Francisco; Ó, Jorge Ramos do(2012). *Sérgio Niza, Escritos Sobre Educação*, Tinta da China;

Nóvoa, António (2014). Carta a um jovem investigador em Educação, *Investigar em Educação - II<sup>a</sup> Série*, 2015, nº 3;

Ó, Jorge Ramos (2013). Foucault e o problema da escrita: uma introdução, in *Foucault, Deleuze & Educação*, EditoraUFJF;

Ó, Jorge Ramos (2018). O Diagnóstico de uma profissão sempre por vir, in *Jornal de Letras*, 24 janeiro 2018, <http://visao.sapo.pt/jornaldeletras/2018-01-24-Jorge-Ramos-Do-O-O-diagnostico-de-uma-profissao-sempre-por-vir>;

Ó, Jorge Ramos (2018). Vincennes, o desejo de aprender na universidade e as nossas vidas, in *O Público*, <https://www.publico.pt/2018/06/10/sociedade/ensaio/vincennes-o-desejo-de-aprender-na-universidade-e-as-nossas-vidas-1833100>;

Ó, Jorge Ramos (2019). Ouvir falar o pensamento, aprender a falar o pensamento no interior da universidade: o testemunho dos “professores” Michel Certeau, Gilles Deleuze, Michel Foucault e Roland Barthes, in *Revista Brasileira de Educação*, v. 24, 30 maio 2019;

Queiroz, Eça de (1997). *A Arte de Ser Pai*, Verbo;

Passos, Eduardo; Kastrup, Virginia; Escóssia, Liliana da (2009). *Pistas do Método da Cartografia*, Editora Sulina;

Penim, Lígia (2003). *Da disciplina do traço à irreverência do borrão*, Biblioteca do Educado, Livros Horizonte;

Postic, Marcel; com colaboração Marquet, Bernard (1992). *O Imaginário na Relação Pedagógica*, Tradução Mário José Ferreira Pinto, Edições Asa;

Povolide, Condessa (1959). *A Nossa Junqueira*, Edição de Autor;

Povolide, Condessa (2021). *A Nossa Junqueira II*, Edição de Autor;

Rancière, Jacques (2002). *O Mestre Ignorante*, Autêntica;

Reses, Erlando da Silva; Pinel, Wallace Roza (2019). A Pedagogia da Correspondência e a influência da viagem à Guiné-Bissau na obra de Paulo Freire, in *Sintidus*, 15 abril 2019, nº 2, pp. 59 a 71;

Rilke, Rainer Maria (2020). *Cartas a um Jovem Poeta*, Cultura Editora;

Rilke, Rainer Maria (2018). *A Balada de Amor e Morte do Porta-estandarte Christoph Rilke*, Edições de Saguão;

Renault, Leticia (2019). A abordagem cartográfica na pesquisa-intervenção participativa: o caso da Gestão Autônoma da Medicação (GAM) , in *Investigação Qualitativa em Saúde//Investigación Cualitativa en Salud//*, V. 2, 2019, pp. 1382 a 1392;

Rocha, Eloisa Acires Candal (2002). A Pedagogia Freinet: Natureza, Educação e Sociedade, in *Zero a Seis*, v. 4, janeiro 2002, nº 6;

Robinson, Ken (2013, Abril). *Como escapar da educação do vale da morte* (Video), TED Talks;

Rousseau, Jean-Jacques (1990). *Emílio*, Volumes I e II, Publicações Europa-América;

Savater, Fernando (1991). *Ética para um Jovem*, D. Quixote;

Savater, Fernando (1997). *O Valor de Educar*, Editorial Presença;

Seara, Isabel Roboredo (2008). A Palavra Nómada. Contributos para o Estudo do Género Epistolar;

Sena, Fabiana (2015). Um Modo de Escrever, Um Modo de Educar: Cartas Portuguesas Oitocentistas, in *Revista Temas em Educação*, v. 24, janeiro-junho 2015, nº 1, pp. 102 a 113, <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/rteo/article/view/23649/13559>;

- Seneca, Lúcio Anneus (2004). *Cartas a Lucílio*, Fundação Calouste Gulbenkian;
- Silva, Agostinho da (2000). *Vida de Pestalozzi*, in *Textos e Ensaios Pedagógicos I*, Âncora Editora;
- Silva, Agostinho da (2000). *Baden-Powell, Pedagogia e Personalidade*, in *Textos e Ensaios Pedagógicos II*, Âncora Editora;
- Silva, Daniele Cristina Agostinho (2019). *Epístola na Literatura - Epistolografia - InfoEscola*;
- Sousa, Ana (2007). *A formação de professores de artes visuais em Portugal*. Dissertação de Mestrado em Educação Artística, apresentada à Universidade de Lisboa pela Faculdade de Belas Artes;
- Sousa, Ana (2016). *Novos paradigmas, novas práticas? A didática na formação de professores de artes visuais em Portugal*. Tese de Doutoramento em Belas-Artes, especialidade de Educação Artística, apresentada à Universidade de Lisboa pela Faculdade de Belas Artes;
- Sousa, Ana (2021). “Tu casa es mi casa” ou “Construir, habitar, pensar”: Reflexões de uma professora em tempo de pandemia;
- Wojtyla, Karol Józef (1999). Carta do Papa João Paulo II aos Artistas, in *Libreria Editrice Vaticana*, 4 abril 1999;
- Wolff, Francis (1993). Três Figuras do Discípulo na Filosofia Antiga, in *Discurso*, 9 janeiro 1993, nº 22, pp. 123 a 152;
- Vallejo, Irene (2021). *Manifesto pela Leitura*, Bertrand Editora;
- Van Gogh, Vicente, <https://www.vangoghmuseum.nl/en>.

## ANEXO 1

Garvão, 2-4-1897.

Meu querido Vicente:

Ontem aqui recebi a tua carta.

Como mostras muito desejo de saber o que faço e por onde ando, aqui vai a explicação de tudo até hoje.

Para fazer um trabalho muito diferente deste que arranjei, procurei a semana passada o Coelho e Carvalho. Foi, se bem me lembro, na segunda-feira. Não decidi nada do que queria, mas disse-me ele que se eu quisesse, me arranjava uns trabalhos de levantamentos de plantas do Alentejo. Disse logo que sim. Continuando a conversar, falou-se no caminho de ferro de Garvão por Odemira, Aljezur e Lagos até Vila Nova de Portimão. Ofereci-me para fazer o reconhecimento e, com estes dois trabalhos em perspectiva, depois de ter com um inglês chamado Henrique Mitchell, pedido de concessão do caminho de ferro ao governo, para aqui parti no sábado e aqui cheguei à meia noite e quarenta acompanhado pelo Coelho de Carvalho e mulher que sempre me acompanharam até ontem.

A planta que vou levantar é a de uma propriedade que o Coelho de Carvalho quer comprar e cujos limites têm de ser determinados. Ela já aqui tem outra, a Crimeia, cuja planta levantarei também.

No domingo fomos ver isso tudo. Gosto imenso desta paisagem daqui. O que é charneca é uma beleza. A esteva está toda em flor. A parte cultivada é quase toda azinheiras e sobreiros. Na segunda feira voltámos à propriedade e à tarde partimos para S. Bartolomeu de Messines, onde jantámos, saindo à noite por Silves para V. N. de Portimão. Chegámos lá com imenso frio e soube-me bem a cama, apesar de parecer uma cama para bonecas. Dormi com os pés de fora. Vila Nova é uma terra lindíssima e magnífica. Por todos os lados se estão construindo casas novas. Se lhe fizer o caminho de ferro, será brevemente uma das primeiras terras de Portugal. Junto à praia lembra Setúbal, mas parece-me que prefiro Vila Nova.

Silves à noite, fez-me uma impressão de tristeza, que mais tarde se confirmou por um acaso que te contarei.

Na terça feira fui a Ferragudo ver um castelo que o Coelho de Carvalho comprou e que é lindíssimo. Está-lhe fazendo obras, mas faz-me pena que ele apesar do seu bom gosto, porque o Coelho de Carvalho é um artista, tivesse coberto a casa com telha de Marselha. Fomos e voltámos embarcados.

No dia seguinte fomos de carruagem até Alvor onde embarcámos, apeando-se à barra e indo pelo areal até Lagos, que mal vi. Foi uma viagem cheia de peripécias em que a mulher do Coelho de Carvalho nos acompanhou como sempre com um bom humor extraordinário.

Lagos pareceu-me feio. Depois verei melhor a cidade.

A carruagem foi-nos buscar e voltámos para Vila Nova, onde chegámos alegremente, cheios de fome.

Não perdi o meu tempo na viajata, tendo escolhido os locais para as estações e mais ou menos decidido o traçado, que em certos pontos, é bastante difícil.

Ontem voltámos. Poucas vezes na minha vida vi coisa tão bela. Viemos rio acima embarcados até Silves. Não se imagina facilmente o que é esse rio e o que é essa viagem. Parece que constantemente se navega em meio de lagos. O rio, apesar de larguíssimo, é tão sinuoso que não se vê nem por onde se entrou nem por onde há-de sair-se. Chegando à Sr<sup>a</sup>. Do Rosário estreita, mas aí a vegetação é esplêndida.

Fui ver a Sé, que é uma das igrejas mais antigas de Portugal. Havia lá um baptizado dum neto do Visconde de Silves. O estardalhaço não era grande. O deão de Faro conheceu-me e o Coelho de Carvalho apresentou-me a ele e ao Visconde, que me pareceu um tipo de primeira ordem.

Saindo da Sé ia a entrar na igreja da Misericórdia, que é defronte, mas esbarrei à porta vendo um morto num esquife. Foi daí que de Silves me ficou uma impressão tão triste.

Metemo-nos numa carruagem e viemos até S- Bartolomeu de Messines onde jantámos. Então pude ver a estrada. Tudo o que se pode imaginar de

mais lindo e risonho! Os figueirais do Algarve são uma coisa encantadora neste tempo. Há matas serradas de figueiras, amendoeiras e alfarrobeiras. Cheguei aqui à noite, onde me despedi com saudades do Coelho de Carvalho e mulher, que seguiram para Lisboa.

Agora os futuros trabalhos.

Estou à espera do Caetano para partir com ele para a propriedade de que é dono e o Coelho de Carvalho vai comprar. São quase nove horas e ainda não chegou! Já pouco aproveitarei o dia, pois não tenho trabalhadores nem nada organizado para hoje.

O trabalho de plantas e regularização da ribeira deve durar uns dez dias. Talvez mais, porque as propriedades são enormes. Depende isso da actividade dos trabalhadores e de maior ou menor irregularidade dos limites.

Tendo este trabalho pronto, parto a ver os terrenos que hei-de atravessar com o caminho de ferro.

É bastante difícil a passagem em Odeceixe. O mais, pouco trabalho me dará. Com o meu olho, que não é de todo mau, e com a ajuda das cartas geodésicas, espero resolver o problema em poucos dias. Dormirei a primeira noite em Odemira. Quero ver se depois atiro comigo até Aljezur. Essa é que é a parte difícil da jornada. É um estirão e em Odeceixe hei-de ter demora por força. Veremos. No dia seguinte vou dormir a Lagos, de onde sairei de madrugada para ver se ainda apanho em Portimão a diligência de Messines.

Estou na hospedaria Gravanense, que é muito boa. É do chefe da estação. Entretanto vou mudar-me, porque me fica longe do trabalho. Vou dormir para o Monte. Deve ser delicioso habitar ali, longíssimo de toda a gente. O anoitecer na charneca é tudo o que há de mais lindo. O monte é completamente isolado. Trouxe livros para ler e papel para escrever, mas estou quase certo de que nunca hei-de ler, nem escrever uma linha.

Adeus, filho

Recebi agora uma carta da tua Mãe com excelentes notícias.

Vou escrever-lhe para Cascais.

Teu Pai muito amº.

E. João

## ANEXO 2



Figura 8. Rio Maior, Verão de 1909

Minha querida Mãe

Aqui cheguei perfeitamente depois de oito horas de viagem sendo dessas, seis, numa horrível diligência que nos fez chegar meio mortos. Um horror!

Os pequenos estão ótimos e engraçadíssimos. O João parece ter o dobro da idade. Passa a vida a assobiar de mãos atrás das costas, sem dar importância a ninguém mas querendo que todos lhe dêem a maior. As manas já dizem tudo mas o pior é que é numa língua que não se chega a saber se é inglês ou chinês. Deve ser tudo misturado!

Já fui com o mano Vicente a uma terra próxima ver uma doente. Fomos de charrette. O fogoso corcel, veloz como o pensamento, atinge por vezes a fenomenal e nunca jamais assaz vista velocidade de um quilometro por hora. Isto, é claro, nos dias em que está bem disposto e folgado. Nos outros quase que chega a andar tão depressa como uma procissão. Em vista do exposto, cair da charrette é quase a mesma coisa que cair da cama abaixo. Hoje vou com o mano Vicente ver outro doente a outra terra. Enquanto ele entra em casa dos enfermos, fico eu em delicioso tete-à-tete com o pobre rocinante que, estou certo, me contará mais cedo ou

mais tarde a sua atribulada e (quem sabe?) talvez em tempos, gloriosa vida.

Cá na terra há um homem, dos mais importantes, que está com uma pleurisia. Era um belo reclame se o dr. Camara o salvasse. Porém, afigura-se o caso impossível, porque o doente, além da terrível doença, acumula o ser há anos infinitos um grande tuberculoso e não menor alcoólico. O coveiro já anda de enxada ao ombro.

Peço-lhe que diga ao José de Rio Maior que amanhã lhe escrevo uma grande carta.

Muitas saudades a todos e para si um grande beijo e muitas saudades

Do seu filho muito amigo e obrigado

José Paulo

## ANEXO 3

Campinas 31-5-1938

Minha adorada Bobichas

Hoje mesmo recebi a carta da tua Mãezinha e hoje mesmo vai a autorização pedida, a qual espero que chegue a tempo. Gosto imenso que vás a Paris e estou certo que vais adorar essa visita, tanto mais que não podias seguir em melhor companhia, pois a tua Avó, além de grande amiga tua, é inteligente engraçada e culta. Muito tens que ver e aprender e conhecerás muitos lugares, que depois verás citados nas obras que leres pela vida fora. E isso torna os livros muito mais interessantes. Os franceses, embora às vezes não nos sejam simpáticos pela sua política, são um grande povo, com uma história maravilhosa. Muito lhe devem a ciência, a literatura, a arte, etc. Por toda a parte se respira, em Paris, civilização, espiritualidade e nobreza. Nos próprios lugares em que se passaram acontecimentos muito célebres da História da França e do Mundo, a tua Avó te falará certamente das grandes figuras francesas. Além disso minha saloiasinha, vais admirar uma Capital fantástica de grandiosidade. Terás lá para te guiar e abençoar a alma do tio Vicente, que te adorava e que ainda mais te adoraria, se tivesse tido a felicidade de te conhecer, linda, boa e infinitamente simpática, como és agora. Deus te proteja, minha filha querida, e te dê horas muito felizes e muito alegres, como tanto mereces. Tenho a maior pena de não te ter visto com o teu primeiro vestido de noite (pois me dizes que não era de baile) e calculo que estarias maravilhosa, não só pelo que me diz o Chana, como também pelo que adivinho pelo teu retrato peceguíssimo e também pelo que me contam a Mãezinha, o Antoninho e o Francisquinho. Escreve-nos algumas vezes de Paris, mas não te preocupes em mandar cartas muito grandes, porque quero que aproveites todos os minutos para te divertires, sem a preocupação de gastar o teu tempo com descrições. Depois de Lisboa, mandarás então todos os pormenores. Também estive em Paris duas vezes: em Dezembro de 1912 até Fevereiro de 1913, com o João Perestrello, tendo passado dias muito bons com o nunca esquecido tio

Ayres Ornelas e a tia Juju e com a Maria Perestrello, que muito gostaria que visitasses, dando-lhe e ao marido, o tio Chico Figueira, muitas saudadas minhas. Depois estive em Dezembro de 1923 com o tio Vicente moribundo. Essa vez não conta pois foi muito triste tendo sido minha óptima companheira a tia Binha; o Francisco Carneiro também foi nessa ocasião excelente companheiro, que muito me ajudou a passar as horas más. Quem sabe se o verás? Se vires, dá-lhe um apertado abraço meu. Igualmente a Maria Perestrello e o marido foram muito bons para mim. Dá saudades minhas ao Arco do Triunfo, à Praça da Concordia e ao Museu do Louvre. O nosso Chaninha continua muito bem, já completamente curado e comendo como um verdadeiro leão. Não escreve hoje porque está trabalhando e a carta não pode esperar para ver se apanha o avião alemão. Estamos encantados com a ideia de ir ouvir a Mãezinha querida, no próximo dia 13, na Hora da saudade. Vamos afinar o rádio e estaremos a ouvir a Emissora desde as 6 da tarde (10 de Lisboa), para vermos se o aparelho trabalha bem, pois, se estiver a funcionar mal, iremos para casa da boa família Falcão de Miranda, que continua, sendo cheia de amizade e carinho para nós. É preciso que a Mãezinha não se comova muito, senão não percebemos o que ela diz. O Chaninha adorável continua sempre a pensar em vocês e na “malta” com o mesmo carinho e entusiasmo. ... Achámos encantador (sem elogio) o retrato da Mãezinha e delirámos com as calças compridas do pecegão do António. A famosa Mimi está escrevendo umas cartas notáveis, que nos encantam; e o super-hyper-extra-celeberrimo Francisquinho é sem dúvida nenhuma o garoto mais engraçado que Deus atirou ao mundo, dando-nos barrigadas de riso com as suas piadas e descrições familiares e enchendo-nos de orgulho com a sua inteligência e aplicação aos estudos. Das cartas do Antoninho já tenho falado várias vezes com os muitos elogios que elas merecem e que todos são poucos. Quanto a ti minha Bobichas, continuo a considerar-te em tudo, uma segunda e perfeita edição da tua santa tia Anica, que era das pessoas mais encantadoras e atraentes que têm vindo à terra. Tenho a certeza que vocês todos já têm o seu carácter formado, o que quer dizer que continuarão a ser sempre o que hoje são. E isso dá-me tanta alegria, que dou por bem empregado tudo quanto tenho

passado, se era preciso tudo isso para ser compensado com filhos tão bons e tão.....

#### ANEXO 4

*Pouco entre nós se tem pensado nas crianças, que tantos desvelos nos deveriam merecer, ainda que só fosse por egoísmo. São os homens de amanhã, aqueles de quem havemos de depender quando a velhice nos houver apagado as faculdades, limitado os sentidos, reduzido as forças. Mas não basta formar-lhes a inteligência, é preciso sobretudo, educar-lhes os corações. É o futuro que devemos preparar, pensando na educação de nossos filhos, na educação desses todos que hão-de ser seus companheiros nas lutas futuras.*

D. João da Camara, Crónica Ocidental, *O Ocidente*, 10-8-1897



Figura 9. Palácio dos Condes da Ribeira Grande